



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2012

**RICARDO JORGE DA
SILVA FORTES**

**A música como ambiente de trabalho motivador para
educação visual**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
Ano 2012

**RICARDO JORGE DA
SILVA FORTES**

**A música como ambiente de trabalho motivador para
educação visual**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino de Artes Visuais no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizada sob a orientação científica do Doutor António Manuel Dias Costa Valente, Professor auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

Dedico este trabalho à minha mãe.

o júri

presidente

Prof. Doutora Teresa Maria Bettencourt da Cruz
Professora Auxiliar, Universidade de Aveiro

vogais

Prof. Doutor Paulo Maria Ferreira Rodrigues da Silva
Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro (arguente principal)

Prof. Doutor Antonio Manuel Dias Costa Valente
Professor Auxiliar, Universidade de Aveiro (orientador)

agradecimentos

Ao orientador da Universidade de Aveiro, Prof. Doutor Antonio Manuel Dias Costa Valente, pelo seu contributo e orientação.

À orientadora da Escola Secundária Dr. João Carlos Celestino Gomes, Ana Paula do Bem Bernardes Parracho, pelo apoio prestado desde o início na realização deste projeto.

Aos alunos da escola em que o projeto se realizou.

A todas as pessoas que contribuíram para ter chegado até aqui, não só durante o percurso académico mas também aos meus amigos e momentos por eles proporcionados, Xana, Tina, Marcos, Sónia, Tânia, Catarina, Mafalda, Jorge, Patrícia, Daniela...

palavras-chave

Ambiente de trabalho; musica; motivação; educação visual

resumo

Este trabalho incide sobre espaço de aula em educação visual, e o recurso à música como meio potenciador de um ambiente favorável à criação e produção artística.

No desenvolvimento do estudo são abordados temas provenientes da relação dos alunos com a sala de aula, entre eles a motivação, concentração, bem-estar, impulsionados pelo uso de ambientes sonoros durante o decorrer das aulas. Como principal objetivo, pretende-se verificar se o uso da música ambiente potencia uma mudança positiva na atitude dos alunos em relação à aula de educação visual.

Terminada a análise de resultados, realizada com base em dois questionários entregues aos alunos, seria necessário o cruzamento dos dados com as observações efetuadas pelo autor no decorrer das aulas, assim como nas conversas e discussões ocorridas com os alunos e professores durante o seu desenvolvimento.

Conclui-se que o estudo teve repercussões positivas na atitude e motivação dos alunos.

keywords

Work environment; music; motivation; visual education

abstract

This work focuses on classroom space in visual education, and the use of music as a means of enhancing a favorable environment for the creation and artistic production.

In developing the study, subjects are approached from the ratio of students to classroom, including motivation, concentration, welfare, driven by the use of sound environments during the course of lessons. As a main purpose, we intend to examine whether the use of background music promotes a positive change in attitude by the students regarding education class visual. After the analysis results, performed using two questionnaires delivered to students, it would be necessary to cross data with the observations made by the author during classes, as well as in conversations and argumentations held with students and teachers during its development.

In conclusion, the study has a positive effect on the attitude and motivation of students.

Índice

Introdução	4
1. Fundamentação teórica.....	8
1.1 Motivação e aprendizagem	8
1.1.1 Abordagem geral	8
1.1.2 Motivação.....	9
1.1.3 Psicologia das aprendizagens	10
1.1.4 O trabalho de projeto como meio de aprendizagem.....	12
1.1.5 A avaliação das aprendizagens	14
1.2 Música	15
1.2.1 Música ambiente como fator de motivação e desenvolvimento.....	15
2. Estudo empírico	18
2.1 Enquadramento.....	18
2.2 Opções metodológicas	19
2.2.1 Descrição da escola/amostra	19
2.2.2 Metodologia utilizada	20
2.2.3 Seleção de reportório.....	22
2.2.4 Material de amplificação utilizado e sua disposição na sala de aula	27
2.2.5 Instrumentos de recolha de dados	28
2.2.6 Tratamento de dados	29
3. Resultados.....	30
3.1 Observações.....	30
3.2 Resultados dos inquéritos	32
3.2.1 Resultados do primeiro inquérito	32
3.2.2 Resultados do segundo inquérito	39
4. Discussão	47

5. Considerações finais	52
6. Bibliografia	55
7. Anexos	60
7.1 Inquéritos por questionário	60
7.2 Lista de músicas reproduzidas durante as aulas.....	62
7.3 Planificações de unidades de trabalho (arvore de natal)	66
7.4 Fotos do projeto da árvore de natal	80
7.5 Fotos do projeto do módulo padrão	81

Introdução

A par do cenário pouco favorável que o país atravessa, o combate ao insucesso escolar acaba por se traduzir consequentemente numa dificuldade acrescida, exigindo de todos nós (escola, professores, alunos, encarregados de educação, ...) um esforço extra para colmatar este problema. Apesar de este problema estar sujeito a qualquer disciplina, a educação visual conta ainda com uma agravante considerável, a depreciação recorrente que provém da sociedade em relação à importância que esta disciplina tem no contexto educacional dos alunos. “A função da escola é a de transmitir conhecimentos e a ideologia dominante na sociedade” (Lurçat, 1978, p.13). Será que esta é a tendência ideológica da sociedade pela qual as políticas se têm regido? Esta situação toma contornos ainda mais graves quando são os próprios pais dos alunos que lhes transmitem esta ideia, a qual acaba por servir de defesa nos momentos em que esses são repreendidos pela falta de empenho nas tarefas das aulas. Estas atitudes acabaram por se verificar diversas vezes durante o decorrer de Prática de Ensino Supervisionada, sendo uma atitude mais frequente em alunos com um baixo grau de aproveitamento, sobretudo nas turmas do sétimo e oitavo ano, dificultando o trabalho do professor enquanto elemento constituinte e fundamental para o processo de ensino e aprendizagem. “(...) é a família ou a escola que exerce a influencia educativa mais forte?” (Avanzini, 1970, p.72). Se é certo que a escola ocupa grande parte do tempo e da educação dos alunos, também é verdade que a educação transmitida pela família acaba por ter um peso considerável e facilmente percebida pela existência de situações como a acima descrita.

Uma vez sujeita a estas condicionantes cabe à escola e aos professores procurarem colmatar estas lacunas e motivar os alunos para se envolverem no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, a realidade de alunos que se apresenta nas nossas escolas é bastante diversificada, de várias origens étnicas e sociais, com diferentes ideais e ritmos de aprendizagem, que dificultam o trabalho do professor enquanto transmissor de conhecimentos de um sistema de ensino marcadamente homogéneo. “Uma das manifestações de crise que atualmente atravessam os professores exprime-se na impotência em transmitir conhecimentos. (...) a coexistência de crianças de diferentes classes sociais nos bancos da escola leva o professor a ser ao mesmo tempo

transmissor de conhecimentos para uns e fabricante de obstáculos para os outros.” (Lurçat, 1978, p.20). Esta questão leva-nos a questionar se o sistema educacional institucionalizado se revela o mais eficaz para a globalidade dos alunos, e se a aplicação de estratégias alternativas em alguns casos específicos não se tornariam vantajosas. O elevado número de alunos por turma, a curta duração das aulas, a inadequação das matérias aos interesses e perfis dos alunos acabam por dificultar ainda mais o papel do professor, impedindo consequentemente qualquer tentativa de individualização do processo de ensino-aprendizagem às características de cada aluno.

Neste sentido, uma das alternativas é a estratégia da Escola da Ponte, com um ensino orientado para o respeito das diferenças individuais dos alunos. Neste caso, as estratégias de ensino perspectivavam sobretudo a criação de espaços de trabalho, promovendo a procura do conhecimento e a envolvimento nas atividades por parte dos alunos.

Sendo a Educação Visual uma disciplina caracteriza pelo caráter livre e propício ao desenvolvimento criativo dos alunos, esta não se livra desses problemas. No entanto, a tipologia de trabalhos associados à disciplina permite a exploração do ambiente de trabalho de uma forma diferente das restantes, podendo este assumir-se como um possível fator de motivação extra para os alunos. Neste caso, o recurso à música ambiente surge como um meio propício à criação desse estado de espírito nos alunos, enquadrando-se nos objetivos pretendidos e potenciando simultaneamente uma melhoria das suas aprendizagens.

A psicologia da aprendizagem surge assim como uma área de estudo correlacionada e pertinente para a investigação, esta acaba por ser o reflexo das interações do sujeito com o meio que o rodeia. (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.115)

Esta não seria a primeira vez que a música seria utilizada como auxílio da aprendizagem, havendo registos deste processo ao longo dos vários estágios de crescimento do indivíduo, começando mesmo antes do nascimento como indicam alguns estudos realizados sobre a importância da música para as grávidas e recém-nascidos. Estes acabam por criar uma correlação intrínseca

entre a música e a aquisição de competências por parte destes bebés, que se acabam por refletir futuramente no processo de aprendizagem. (Ilari, 2002, p.83 a 88)

Para além destes fatores, existe uma estreita ligação entre a música e as artes plásticas para a qual muito contribuíram as ideias e a obra de Kandinsky. Segundo ele a música assume-se como a forma de arte mais pura e abstrata, pela qual se acaba de orientar e refletir nas suas produções artísticas futuras (Gomes, 2003, p. 24). Não houve no entanto a pretensão deste estudo refletir esta realidade, ou se traduzir numa reinterpretação da música reproduzida na sala de aula, mas sim focar-se na criação de um espaço de trabalho que possibilitasse por um lado a formação de um ambiente descontraído, potenciando o bem-estar e a motivação nos alunos para a realização das tarefas propostas durante as aulas, mas sem esquecer o espaço da sala, nem sobrepondo-se aos conteúdos e ao professor.

1. Fundamentação teórica

1.1 Motivação e aprendizagem

1.1.1 Abordagem geral

A aprendizagem e a obtenção de resultados são dois pilares fundamentais para o sucesso do indivíduo enquanto elemento da nossa sociedade. Embora os resultados sejam de certa forma o reflexo de um conjunto de variáveis distintas, em contexto escolar, esta acaba por ficar bastante dependente do empenho e motivação que os alunos demonstram na realização das tarefas das aulas. A motivação surge assim como fator fundamental para a envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem e consequente responsável pela obtenção de resultados. Será portanto fundamental perceber a sua origem, fatores condicionantes e proliferadores da motivação.

Pode-se entender por motivação humana os fatores que nos levam a realizar determinada ação, isto é, estar motivado significa estar predisposto e disponível para a realização de determinada tarefa (Ryan & Deci, 1999, p.1). Por outro lado a ausência de motivação, a desmotivação, traduz-se no desinteresse ou falta de vontade que o indivíduo demonstra perante uma situação ou tarefa.

“A preocupação do ensino tem sido a de criar condições tais, que o aluno “fique a fim” de aprender. (...) precisa haver uma necessidade ou desejo, e o objeto precisa surgir como solução para a necessidade.” (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.158 e 159). A envolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem acaba por se revelar numa das grandes dificuldades para o decorrer das aulas, sendo a capacidade de suscitar nos alunos o desejo pela descoberta do saber uma grande arma para a obtenção de bons resultados. Este será sempre um dos objetivos fulcrais para o sucesso de qualquer processo ou sistema de ensino.

A complexidade inerente ao tema da motivação acabaria por gerar da parte dos seus estudiosos uma diversidade de respostas e teorias explicativas distintas, das quais cada autor se tenta expressar segundo uma visão muito própria. O estudo desta temática conta já com um longo historial. Várias tentativas de explicar a motivação humana foram exploradas até a atualidade, entre elas destacam-se a teoria da motivação intrínseca e extrínseca, a teoria do impulso

e atração, e a do hedonismo psicológico. No entanto, uma vez que o âmbito do projeto incide na criação de um ambiente de trabalho motivador recorrendo à música ambiente, será realçada a área da motivação que mais se identifica com a temática, a percepção da motivação a partir de fatores ambientais externos ao indivíduo.

1.1.2 Motivação

A motivação continua a ser uma das componentes fundamentais para a aprendizagem, facilitando ou dificultando todo o processo de ensino. O estudo da motivação comporta três variáveis fundamentais: o ambiente; as forças internas ao indivíduo; o objeto (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.157). Estas características acabam por refletir todo o processo de aprendizagem, não abrangendo apenas a área escolar pela qual nos debruçamos, mas tudo o que nos afeta. Por outras palavras, estar motivado significa estar disposto a realizar determinada ação.

“A motivação é, portanto, o processo que mobiliza o organismo para a ação, a partir de uma relação estabelecida entre o ambiente, a necessidade e o objeto de satisfação.” (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.158). Relativamente à prática de ensino, os mesmos autores referem que a grande dificuldade atual prende-se na transmissão do desejo pela aprendizagem nos alunos, sugerindo dois caminhos para esse fim. O desenvolvimento de conteúdos a partir das necessidades e interesses dos alunos, abordando consequentemente novos conteúdos. Ou a criação do próprio interesse nos alunos (p.159).

1.1.2.1 Motivação intrínseca/extrínseca

Como já foi referido, a motivação traduz-se numa força maior que nos leva a realizar determinada ação, no entanto é necessário perceber a sua origem para que esta possa ser trabalhada.

De uma forma geral a motivação é gerada a partir de duas variáveis distintas, a motivação proveniente do interior do indivíduo e a motivação proveniente de fatores ambientais externos ao indivíduo, designadas por motivação intrínseca e motivação extrínseca.

A motivação intrínseca traduz-se na realização de uma atividade com o único propósito de satisfazer internamente a pessoa. Esta está muitas vezes ligada à satisfação dos requisitos básicos do indivíduo, no entanto não se prende apenas a estes fatores. A origem destes fatores tem sempre o indivíduo como o foco inicial, sem que este seja forçado ou persuadido a realizar determinada ação por razões externas. Por outro lado, a motivação extrínseca é causada geralmente por imposições feitas ao indivíduo ou pela realização de uma ação com o intuito de evitar uma situação desagradável. De uma forma geral o meio e a sociedade acabam por se revelar nos maiores fatores externos de motivação, uma vez que somos constantemente obrigados a realizar determinadas ações para obter sucesso dentro desse meio social e sucessivamente sujeitos a avaliações pelo mesmo (Ryan & Deci, 1999, p.54 a 56). A existência de recompensas, sejam elas monetárias ou qualitativas, é um caso claro de motivação extrínseca.

Apesar das diferenças e do grande foco no indivíduo, no caso das motivações intrínsecas, ambos os tipos são indissociáveis do meio uma vez que são fruto da interação direta ou indiretamente com o mesmo.

É ainda importante referir que a ausência de qualquer tipo de motivação corresponde à resignação, a qual se designa por “amotivação”. (Lieury & Fenouillet, 1997, p.51). Apesar da avaliação das aprendizagens não ser o foco deste estudo, este foi um aspeto tomado em atenção, sendo sempre um assunto de extrema relevância dentro de qualquer processo de ensino.

1.1.3 Psicologia das aprendizagens

A base do conhecimento humano é formada a partir de várias realidades distintas. Por um lado a nossa experiência do quotidiano, conhecimento que origina o senso comum, pelo conhecimento científico que no fundo se traduz numa reflexão sobre a anterior, assim como da arte, religião ou da filosofia. “Quando fazemos ciência, baseamo-nos na realidade cotidiana e pensamos sobre ela. Afastamo-nos dela para refletir e conhecer além de suas aparências.” (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.19). No fundo, o conhecimento é fruto da aprendizagem resultante da nossa experiência de vida, dos momentos vividos que o nosso pensamento assimila e reorganiza. Por

consequente, o comportamento humano aparece como objeto de estudo primordial da psicologia, denominado de Behaviorismo. Este surge no início do sec. XX por John B. Watson, acabando por quebrar com a tradição que ligava o estudo da psicologia à filosofia, definindo finalmente o estudo da psicologia como área científica, só possível devido ao novo caráter das análises. “(...) um objeto observável, mensurável, cujos experimentos poderiam ser reproduzidos em diferentes condições e sujeitos.” (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.57). Apesar do termo comportamento surgir inicialmente como objeto primordial e autônomo, atualmente o estudo behaviorista não se pode dissociar do meio, pois o comportamento não é uma situação isolada do sujeito mas sim uma interação deste com o ambiente que o rodeia (p.58).

Segundo Bock, Furtado e Teixeira a aprendizagem é determinada pelo culminar de diversos fatores, não se trata apenas do resultado final de uma ação, pois esta irá estar condicionada ao meio em que o indivíduo se insere e a ele próprio. Fatores como a idade do indivíduo, a sua experiência, a tentativa e erro, o tipo de ensino fazem parte dessas condicionantes, influenciando consequentemente os resultados obtidos. Assim, a psicologia da aprendizagem procura dar resposta às várias questões que daí se levantam.

Existe uma grande diversidade de teorias explicativas da aprendizagem, no entanto, de uma forma generalizada estas baseiam-se sobretudo em duas grandes categorias, as teorias do condicionamento da aprendizagem e as teorias cognitivistas da aprendizagem. O primeiro grupo destaca os fatores ambientais como condicionadores da resposta, havendo uma relação estreita entre os estímulos e os resultados da aprendizagem. Por outro lado, as teorias cognitivas refletem o correlacionamento do sujeito com os conteúdos, sendo a aprendizagem resultante interpretação e organização interna dos conhecimentos (Bock, Furtado & Teixeira, 1999, p.115).

Neste caso específico, a música ambiente surgiria como uma condicionante ambiental, sem uma relação direta na obtenção de resultados, mas procurando assumir-se como um fator motivação no desenvolvimento das tarefas propostas durante a aula, auxiliando assim todo o processo de ensino-aprendizagem.

1.1.4 O trabalho de projeto como meio de aprendizagem

“Um projeto é uma atividade intencional (...) pressupõe um objetivo que dá unidade e sentido às várias atividades, bem como um produto final que pode assumir formas muito variadas mas procura responder ao objetivo inicial e reflete o trabalho realizado.” (Abrantes, 1994, p.81 e 82)

Apesar da metodologia projetual ser bastante recente dentro de uma perspectiva pedagógica, o termo projeto acaba por surgir no decorrer do sec XV, mas com conotações diferentes das que se atribuem atualmente. A sua definição inicial não era no entanto unânime, havendo referências que indicam a sua assimilação ao conceito de evolução ou progresso social, mas também utilizado como denominação de uma ideia ou perspectiva. No entanto, as primeiras tentativas de integração do projeto como processo de criação datam do sec XV, sendo as construções arquitetónicas italianas as suas primeiras referências. (Boutinet, 2002, p.32 e 33).

O seu desenvolvimento enquanto prática pedagógica escolar remonta para o início do século passado, sendo Kilpatrick um dos seus promissores impulsionadores, e o grande responsável pela implementação posterior da teorização “método dos projetos” (Abrantes, 1994, p.77).

Nas tentativas atuais para definição do conceito de projeto, chegamos à conclusão que este é completamente indissociável do conceito de intencionalidade. Kilpatrick evidencia essa situação ao relacionar o conceito de projeto com três componentes essenciais para o processo de aprendizagem, sendo a intencionalidade descrito como o seu elemento unitário. Assim, “(i) a ação, e de preferência a ação realizada com empenhamento pessoal, (ii) a intencionalidade dessa ação, isto é, a existência de um objetivo, e (iii) a sua inserção num contexto social.” (Abrantes, 1994, p.77), constituem os fatores fundamentais para que a metodologia projetual funcione enquanto desenvolvimento de uma atividade. Nos últimos anos o trabalho de projeto, como processo de ensino, tem vindo a ganhar o seu lugar na prática educativa, sendo o desenvolvimento atual de projetos uma atividade habitual em qualquer disciplina.

Do ponto de vista motivacional, o recurso a práticas pedagógicas assentes no desenvolvimento de projetos acabam por se revelar num fator positivo, uma

vez que este implica obrigatoriamente a resolução de um problema para uma determinada situação. Este é um caso claro de motivação intrínseca, uma vez que os alunos são desafiados a resolver determinado problema simplesmente pelo gosto da descoberta de conhecimentos e superação pessoal das dificuldades (Abrantes, 1994, p.96). A metodologia projetual comporta portanto dois momentos fundamentais e responsáveis pela aprendizagem, um é “(...) a existência de uma questão ou problema que organiza e conduz as atividades.”, e o outro “(...) a existência de um produto final que responde à questão central” (Abrantes, 1994, p.100). O caminho percorrido entre as duas resulta no processo de aprendizagem, a aquisição de competências. O mesmo autor acaba por levantar uma questão bastante pertinente, questionando-se sobre o valor dos produtos resultantes que por vezes são menosprezados em detrimento do processo de aprendizagem do qual foram obtidos. Segundo Abrantes, o produto final não deve ser esquecido, este é a “face visível” do trabalho dos alunos, motivo de reflexão e apreciação, acabando por validar e motivar toda a realização do projeto (p.100).

É no entanto necessário perceber que os fatores pelo qual o projeto se rege podem propiciar uma fonte de motivação e estímulo para a sua realização, mas também ditar o afastamento por parte dos alunos. Algumas questões se levantam relativamente a este assunto, sendo a forma como os alunos vêem o projeto, a adequação às suas competências e o modo como a aprendizagem é avaliada, pontos fundamentais para o seu sucesso.

“A existência de elementos atrativos é importante mas não garante, só por si, que os alunos se envolvam no projeto durante um período de tempo suficientemente prolongado (...)” (Abrantes, 1994, p.102).

Se por um lado a metodologia projetual se pode tornar num processo benéfico para a aprendizagem, este vive sobretudo da aceitação dos alunos, e só possível se estiver de acordo com os seus interesses. Além disso, a sua realização e desenvolvimento está diretamente ligado à dificuldade que este acarreta, pois se esta for exagerada tendo em conta as competências dos alunos resultará consequentemente na incapacidade destes o resolverem, resultando numa morosidade de processos que arrastarão o projeto por tempo indeterminado. É portanto importante encontrar um ponto de equilíbrio, que possibilite por um lado o desenvolvimento das competências por parte dos

alunos e o cumprimento dos objetivos pretendidos, mas sem um nível de dificuldade que origine o afastamento ou uma abordagem simples e superficial ao projeto. No entanto, existem estudos que comprovam que o facto de uma tarefa ter um nível de dificuldade alto traduz-se em melhores desempenhos, principalmente dentro do grupo de bons alunos. A dificuldade da tarefa resulta neste caso como um fator de desafio extra, embora esta deva estar ao alcance dos alunos. “(...) os objetivos difíceis conduzem a um melhor desempenho do que os objetivos de dificuldade média ou baixa.” (Lieury & Fenouillet, 1997, p.83).

A competição saudável gerada pelo desafio do próprio projeto é outro fator motivacional resultante deste tipo de metodologia, embora seja necessário haver uma gestão e um controlo total sobre esta situação no sentido de evitar qualquer tipo de rivalidades ou conflitos. “A competição tem efeitos variados sobre o desempenho. Por um lado, aumenta o desempenho (...) Por outro lado, a competição ou a rivalidade pode conduzir a disputas, agressividade e, em consequência disso, queda dos desempenhos.” (Lieury & Fenouillet, 1997, p.35)

Por fim, a questão da avaliação é também um ponto importante salientado pelo autor, sendo que a aprendizagem resultante do processo e o produto final se devem sobrepôr ao valor de qualquer avaliação (Abrantes, 1994, p.101 a 103). No entanto, o insucesso não pode ser visto apenas como a não obtenção dos resultados pretendidos, pois a adequação do projeto ao grupo de alunos, e os fatores pelo qual ele se rege terão grande influência na obtenção final de resultados.

1.1.5 A avaliação das aprendizagens

Como se constatou, a motivação tem um peso considerável no processo de aprendizagem e consequente obtenção de resultados. E embora esta não seja um dos principais fatores de avaliação, acaba por se tornar num importante fator de avaliação ao contribuir para obtenção de melhores resultados, mesmo que de forma indireta. Sendo a avaliação componente essencial e constituinte do ensino, esta acaba por se transformar num instrumento de orientação e regulador das aprendizagens. “A avaliação deve melhorar as aprendizagens.

(...) Contribuir para que cada aluno se aproprie dos conhecimentos exigíveis e se desenvolvam as competências definidas para os projetos curriculares” (Correia, 2004, p.17). A avaliação assume assim o seu principal objetivo, o melhoramento da formação dos alunos. Deste modo, a avaliação das aprendizagens surge como uma ferramenta que possibilita aos alunos uma percepção das suas aprendizagens, dificuldades e competências, no sentido do aperfeiçoamento do processo de ensino. (Ferreira, 2010, p.7)

1.2 Música

1.2.1 Música ambiente como fator de motivação e desenvolvimento

“A criação na sala de aula de um ambiente em que os alunos se sintam à vontade para discutir e comunicar livremente as suas ideias, dúvidas e dificuldades constitui uma condição necessária para que o trabalho de grupo funcione bem, e nomeadamente para as interações que os alunos estabelecem uns com os outros beneficiem a aprendizagem de todos.” (Abrantes, P. 1994, p.142).

Vários estudos foram realizados sobre o benefício da utilização de música ambiente em situações de trabalho, ou sobre a sua influência numa área específica da aprendizagem. É no entanto importante perceber que a música poderá ser utilizada em educação visual com o intuito de promover diferentes tipos de abordagens e solucionar diferentes tipos de problemas. Por outras palavras, esta não tem obrigatoriamente de estar confinada à obtenção de produções gráficas que reflitam a música, ou alguma das suas sensações que esta possa transparecer. Um dos exemplos de uso de música como processo constituinte de uma metodologia projetual, remonta Kilpatrick, onde os seus alunos eram levados a ouvir uma sonata de Beethoven como uma parte constituinte na elaboração de um projeto. Neste caso a música fazia parte do processo criativo previsto para a realização do projeto, cuja orientação era gerida por um propósito, que por si só pressupõe liberdade criativa para a sua realização. (Knoll, 1997).

O seguinte caso de estudo, (Hallam & Price, 1998), debruçou-se sobre uma situação específica em que se recorreu ao uso da música de fundo na sala de

aula como forma de melhorar o comportamento de um grupo de crianças hiperativas. Na elaboração do estudo as crianças foram dispostas em grupos de nove a dez unidades, sendo que na sua generalidade foram sujeitos a quatro ou cinco aulas por semana recorrendo à música ambiente. Este grupo de alunos tinha um historial de maus comportamentos que englobavam agressões verbais e até violência física. O relatório utilizado foi previamente selecionado por meio de um questionário a vinte e seis alunos, tendo em conta as composições que transmitissem uma sensação de calma. As experiências consistiram na gravação vídeo das aulas, com e sem música ambiente, e posteriormente análise de resultados. Estes foram analisados segundo duas variantes, o desempenho dos alunos na realização de um teste de matemática e os seus comportamentos com e sem sessões de música. Verificou-se uma melhoria significativa nas classificações, sendo que apesar dos comportamentos gerais dos alunos terem melhorado, esta mudança não foi tão significativa. Houve no entanto um efeito significativamente positivo no decurso do estudo, pois mesmo quando não se verificaram diferenças significativas no comportamento, os efeitos da música foram sempre positivos. A música de fundo em nenhum momento teve um efeito negativo sobre o desempenho. (Hallam & Price, 1998, p.90) Estes resultados acabam por fundamentar a teoria de que o uso de música ambiente na sala de aula poderá ser uma ferramenta pertinente na motivação dos alunos para as atividades a desenvolver.

Por outro lado também é importante perceber a possível ocorrência de fatores negativos que possam prover da utilização de música ambiente (com ou sem letra) em situações de estudo, dificultando assim a tarefa dos alunos em determinados momentos. Isto é, se a música ambiente se poderá tornar num fator de distração, dificultando a compreensão ou impedindo realização de determinada tarefa por parte dos alunos. Um estudo realizado em 2010 a estudantes universitários visou obter resposta a essa questão. Dois grupos de alunos foram sujeitos à leitura e interpretação de um texto, cuja única variante entre os grupos era a existência de música ambiente num dos grupos. Os resultados acabaram por não evidenciar qualquer diferença significativa entre a dificuldade de interpretação do texto pelos dois grupos (Gillis, 2010, p.vi). Apesar disso, alguns estudantes acabariam por referir que enquanto ouviam

música acabavam por reagir involuntariamente a esta, batendo ritmicamente com o pé no chão ou abanando a cabeça, acabando por se tornar num fator de desconcentração, mesmo que os resultados obtidos não o evidenciem. (p.19)

O volume da música é outro assunto a considerar quando se trata da sua utilização dentro de um ambiente de aprendizagem. No que toca à capacidade de concentração e resolução de problemas, os níveis de ruído acabam por estar ligados proporcionalmente ao aparecimento desses problemas. (Lawton, 1972, p.15)

Por outro lado, alguns estudos acabam por refutar as últimas ideias com resultados a irem no caminho oposto dos acima descritos. Exemplo disso é o estudo de Cassidy e Macdonald que indica que a música, e o ruído gerado por esta, acabavam por contribuir para um empobrecimento dos desempenhos em todas as tarefas analisadas. E se esta pode elevar a capacidade cognitiva, também acaba por requerer um processamento cognitivo da memória, reduzindo simultaneamente a atenção às tarefas a desenvolver e o seu desempenho. (Cassidy, Macdonald, 2007, p.530)

Apesar de não haver um consenso generalizado sobre os benefícios da utilização de música ambiente dentro de um contexto de ensino aprendizagem, os resultados destes estudos acabam por se revelar num ponto desafiante para realização deste estudo, uma vez que apenas faria sentido avançar para este trabalho partindo do princípio que esta experiência poderia ser uma mais-valia para o processo de ensino e aprendizagem. Embora os vários estudos aqui referidos apontem objetivos distintos, ambos visavam de alguma forma uma área específica do processo de aprendizagem, da mesma forma que o estudo aqui descrito não procura fazer de todos os alunos excelentes alunos, mas sim contribuir em alguns pontos específicos para uma melhoria das suas aprendizagens.

2. Estudo empírico

2.1 Enquadramento

Apos cerca de dois meses de contacto com os alunos, em Prática de Ensino Supervisionada, algumas conclusões resultaram da observação no decorrer das aulas da turma em questão, destacando-se a pouca disponibilidade e motivação revelada pelos alunos na realização das tarefas pretendidas, chegando ao ponto destes evidenciarem alguns sinais de fadiga pela própria presença dentro da sala. Neste caso específico, não era evidente a existência de uma razão apenas mas sim o culminar de vários fatores, que conjugados, contribuíam para a formação deste estado de espírito nos alunos. As distrações e conversas paralelas, a hora a que a aula decorria, meio da tarde, depois de uma manhã e início de tarde de aulas e o consequente cansaço acumulado, o desconforto que a própria sala e seus materiais/mobiliário proporcionavam, assim como temas de trabalho pouco apelativos ou projetos que não estavam de certa forma de acordo com os interesses dos alunos poderiam estar a contribuir para a criação deste clima dentro da sala.

Apesar dos esforços e investimentos em novas infraestruturas, agrupamentos escolares, dotados de materiais e espaços com boas condições para o lecionamento de disciplinas artísticas, esta não é ainda uma realidade global, havendo escolas onde as condições das salas e materiais estão longe de serem as melhores, como sucedeu na escola onde este estudo se realizou.

A realização deste projeto visou sobretudo tornar o espaço onde as aulas de educação visual decorriam num local que transmitisse bem-estar, ao mesmo tempo que propicio ao desenvolvimento criativo dos alunos, indo ao encontro dos seus interesses, ou criando condições para isso. O uso de música ambiente surge assim como uma ferramenta pertinente na busca dessa realidade, procurando com ela a criação de um ambiente de trabalho motivante, não só na realização das tarefas, mas também como alício para a presença dos alunos na sala de aula. Paralelamente, os projetos propostos aos alunos acabaram por tomar uma orientação um pouco diferente da que tinham até esse momento, acabando por valorizar aspetos como o trabalho em grupo, a interdisciplinaridade e interação entre diferentes turmas e anos no mesmo projeto. A exploração de temáticas relacionadas com a identidade da região e da escola, assim como a projeção final dos trabalhos para o resto da escola

também foram valorizadas. Aspetos que procuravam traduzir-se num estímulo extra para os alunos.

É no entanto fundamental salientar que o estudo não procura fazer uma avaliação qualitativa dos trabalhos produzidos durante a sua realização, mas sim a mudança de paradigma no que respeita ao ambiente de trabalho e motivação dos alunos para a disciplina em si.

Durante o desenrolar deste estudo o uso da música em contexto de sala de aula é muitas vezes nomeclado como sessões musicais ou música ambiente, no entanto não existe qualquer dissemelhança ocorrida entre elas.

2.2 Opções metodológicas

2.2.1 Descrição da escola/amostra

Este estudo foi realizado no decorrer do ano letivo de 2011/2012, na escola Secundária Dr. João Carlos Celestino Gomes, em Ílhavo, a qual tem por tradição a realização de alguns projetos temáticos anuais na disciplina de educação visual. Estes inserem-se sobretudo na comemoração de datas relevantes do calendário, assim como da escola ou região de Ílhavo, dos quais se destacam a comemoração do dia do patrono que dá o nome à escola, o natal, a pascoa, assim como iniciativas promovidas e apoiadas pelo próprio Centro Cultural de Ílhavo. Esta desfruta de uma identidade muito própria, na qual se refletem as influencias culturais da terra e principalmente do seu patrono.

A escola alberga cerca de 700 alunos das regiões próximas, do terceiro ciclo e secundário, não havendo neste momento qualquer curso artístico direcionado para os alunos do secundário.

O estudo incidiu sobre uma turma do nono ano de escolaridade na disciplina de educação visual, a qual foi acompanhada durante todo o período de prática educativa supervisionada. Esta era composta por dezoito alunos, dez raparigas e oito rapazes de idades compreendidas entre os catorze e os dezassete anos, de duas turmas distintas. Este fator acabaria por ter algumas implicações na forma como os alunos conviviam dentro da sala, uma vez que desde o início ficou bem patente a existência de alguma rivalidade, assim como uma

separação visível dos grupos. Esta turma contava ainda com dois alunos com necessidades educativas especiais, fator primordial para a existência de uma turma com um número de alunos tão reduzido. Um dos alunos acabaria por anular a disciplina e mudar para outra de oferta da escola. A escolha deste grupo de alunos deveu-se principalmente ao culminar de duas situações, por um lado a presença de dois alunos com necessidades educativas especiais que levaria inevitavelmente a resultados e apreciações diferentes, e por se tratar de um grupo de menor dimensão do que a generalidade das turmas, facilitando assim a orientação e gestão do projeto.

2.2.2 Metodologia utilizada

As estratégias metodológicas utilizadas assentaram sobretudo na ideia da música como ferramenta de auxílio à aula de educação visual, nunca esquecendo que esta surgiria como pano de fundo, sem assumir o destaque da aula. Assim, seria fundamental delimitar o alcance que a música teria, momentos oportunos e inoportunos para a sua utilização, sendo fundamental escolher um repertório que se adequasse ao espaço e objetivos pretendidos, mas procurando ir ao encontro dos interesses dos alunos.

O número de aulas em que se recorreu à música ambiente não foram estipuladas inicialmente, estando dependente de vários fatores relativos à aula em questão, sendo estas apenas realizadas nos blocos de 90 minutos, uma vez que a logística envolvente obrigava à perda de algum tempo para a montagem e arrumação do material sonoro, não justificável para os blocos de 45 minutos.

Como primeira abordagem, de forma a receber uma impressão geral sobre a aceitação por parte dos alunos do projeto, foi elaborado um pequeno inquérito por questionário. Este pretendia essencialmente obter uma impressão generalizada sobre a receptividade que os alunos demonstravam para o tema abordado, assim como uma primeira tentativa de os envolver no processo de escolha e seleção de repertório utilizável. Esta visava por um lado motivar os alunos para a realização do projeto, incluindo-os no processo de escolha de repertório, revelando simultaneamente as influências musicais dos alunos. No

entanto havia a necessidade deste reportório adotar um papel didático, não no sentido do estudo da música em si, mas na tentativa de proporcionar aos alunos a descoberta de novos artistas e sonoridades. Depois de uma primeira análise aos resultados dos inquéritos, seria elaborada uma pré-seleção de material musical, o qual deu início às reproduções na sala de aula. De forma a uniformizar e criar um fio condutor entre o reportório utilizado em cada aula, cada sessão seria estruturada a partir de um artista ou estilo musical, havendo apenas uma exceção que consistia na reprodução de uma playlist mais variada e selecionada unicamente pelos alunos. Esta realidade acabaria por não se verificar como veremos no desenrolar deste estudo. Ao invés dessa situação, nessa aula foi realizada uma seleção de músicas por parte dos alunos a partir do computador pessoal do autor do estudo e dos leitores de mp3 de alguns alunos.

A realização das sessões esteve ainda dependente de algumas condicionantes das aulas, entre elas: o assunto da aula; a componente teórica ou prática; o nível de ruído tolerável, produzido na sala e pela música ambiente; momentos de fala e discussão entre alunos e professores; (...) A música em momento algum deveria intrometer-se com os conteúdos da aula, dificultar a comunicação entre os elementos ou interferir com o funcionamento das aulas nas salas circundantes.

Assim, tornou-se pertinente elaborar um conjunto de situações conjeturáveis de modo a restringir a área de ação do estudo, estando consequentemente dependentes da programação e decorrer das aulas. Estas podiam originar a diminuição do volume, pausa ou suspensão da música, assim como determinar se a música seria ou não utilizada durante essa aula. Entre elas:

- Situações de exposição de novos conteúdos eram normalmente realizados sem recurso à música ambiente, evitando assim o surgimento de distrações ou dificuldades na receção e perceção dos conteúdos por parte dos alunos.
- Sempre que algum assunto importante da componente teórica ou prática era levantado pela turma, motivando uma explicação por parte do professor, o volume da música era reduzido ou simplesmente desligado. Nas situações pontuais ou individuais não era pertinente efetuar qualquer alteração à música.

- Aumentos significativos e prolongados do ruído gerado pela turma resultariam numa diminuição gradual do volume da música, até à sua suspensão.
- Momentos de desrespeito gerados pelos alunos devido ao reportório em reprodução, levariam, se numa situação constante, à interrupção do projeto.
- Preferência por aulas maioritariamente práticas, uma vez que ia ao encontro dos objetivos pretendidos para o estudo, criação de um ambiente de trabalho atrativo e motivante.
- Os alunos em caso algum deveriam aumentar o volume da música por iniciativa própria, essa intenção deveria ser comunicada aos professores, discutida, e só depois autorizada ou recusada.

2.2.3 Seleção de reportório

A elaboração da lista de reprodução utilizada no decorrer das aulas foi estruturada a partir dos objetivos iniciais do estudo, mas tendo também em atenção os resultados do primeiro inquérito por questionário. Esta acabou por sofrer algumas modificações à medida que as aulas iam decorrendo, resultado das observações nestas efetuadas e do feedback proveniente de conversas com os alunos e professores.

Uma das primeiras ideias para orientação e seleção de reportório foi a tentativa de afastamento dos tops musicais da atualidade. Esta opção acabaria por levantar várias questões, pois se por um lado seria de todo o interesse dos alunos o conhecimento de novas sonoridades, promovendo simultaneamente o papel didático da escola na proliferação do gosto pela descoberta nos alunos, as escolhas do reportório, caso se desconectassem dos seus interesses, levariam provavelmente a um afastamento e desinteresse dos alunos no desenrolar do projeto. Este aspeto ganharia importância uma vez que as escolhas para o reportório procuravam afastar-se de sonoridades consideradas mais “comerciais”, direcionadas para o grande público onde todos nós nos incluímos, inclusive os alunos. Seria no entanto de evitar a todo o custo que o

reportório pudesse conduzir os alunos a um estado de total desinteresse pelo projeto, acabando a música por adquirir o papel oposto ao pretendido, assumindo-se como um fator de revolta, desconcentração e ruído gerado para a sala de aula.

Numa previsão otimista, a criação deste ambiente de trabalho pretendia facultar aos alunos o aumento da concentração, diminuição consequente das conversas e distrações por eles geradas, uma vez que a música acabaria por preencher esse espaço, assim como uma consequente melhoria geral dos resultados, comportamento, e da convivência dentro da sala entre todos os intervenientes. Era portanto fundamental elaborar uma playlist equilibrada, que não fosse nem demasiado “dura/difícil”, nem a pura reprodução dos temas proliferados pela grande maioria das rádios e canais. De forma a ir ao encontro destas diretrizes, procurou-se um equilíbrio entre estilos utilizados, assim como das tipologias musicais, abarcando áreas e formas de produção musical completamente diferentes. Procurou-se também dar algum destaque à música instrumental, uma vez que se enquadrava perfeitamente na criação do ambiente de trabalho pretendido.

Cada aula seria estruturada segundo um artista, estilo ou álbum, o qual seria iniciado com uma pequena introdução aos alunos sobre os aspetos relevantes da sua vida e obra, em particular da que se iria escutar, acabando assim por se criar um fio condutor durante a realização do estudo. Como as sessões foram realizadas em blocos de 90 minutos, e sendo a duração total utilizável ligeiramente inferior devido à montagem de arrumação do material, acabava por se enquadrar na duração média de um álbum de música, sendo esta a estrutura escolhida e utilizada para as reproduções.

Uma vez que o período de tempo em que decorreu o estudo era limitado e implicava a intercalação de aulas sempre que necessário, o reportório selecionado resumiu-se a um conjunto de álbuns e artistas, considerados, dentro da sua realidade musical, exemplos que se destacam pela positiva. Assim, a lista final de reprodução ficou composta pelos seguintes artistas/álbuns e foi executada com a seguinte ordem:

1ª aula 29 nov - Dream Youth, while(growing) holdStill()

Síntese: Trata-se de uma banda oriunda de Viana do Castelo, formada por três amigos com gostos e formações musicais diferentes. A banda conta já com um álbum de originais, sendo a sua base sonora assente em instrumentais orientados numa vertente rock.

A lista de músicas reproduzida durante a aula foi composta pela totalidade das faixas do álbum while(growing) holdStill(), assim como de uma cover da mesma banda.

A primeira aula com música ambiente culminou com o início da construção de uma árvore de natal para a escola. Este projeto resultou de uma cooperação entre três turmas de anos diferentes (7º, 8º e 9º) que se envolveram em aspetos diferentes do projeto, de acordo com os objetivos curriculares de educação visual para cada um dos anos. A turma do nono ano ficaria encarregue da construção da estrutura da árvore, componente que se inseria na unidade de trabalho geometria do plano. A aula consistiu na formação de grupos de trabalho que iam alternadamente colaborando em diferentes pontos da construção da estrutura metálica da árvore, esta fora previamente montada na sala de aula, e posteriormente transposta para o átrio do bloco E da escola, onde fora finalizada a montagem na aula seguinte. Durante a totalidade da aula a música acompanhou os trabalhos sem se terem verificado qualquer problema relevante com a sua utilização. A estrutura da árvore consistia numa espiral cónica em arame, que representava de forma geometrizada um pinheiro de natal. (ver imagens do projeto, p.80)

2ª aula 6 dez - James Blake, James Blake CD

Síntese: James Blake CD é o álbum debut a solo deste jovem autor inglês. As composições presentes no álbum, e características do autor, são fortemente baseadas em sonoridades eletrónicas e sintetizadas, sendo complementadas com o uso da voz e de letras sentimentais.

Nesta aula foi efetuada a montagem da árvore de natal no átrio do bloco, sendo que a turma foi dividida em dois grupos com número de elementos semelhantes, ficando alternadamente um deles encarregue do auxílio na montagem da árvore, e o outro realizando algumas tarefas alternativas dentro da sala. Apesar da duração total deste álbum ser reduzida, acabaria por não

ser um aspeto relevante nesta aula, uma vez que os alunos não estiveram, na sua maioria, dentro da sala durante a totalidade da aula, possibilitando a repetição das faixas. A realidade do projeto implicava movimentações constantes dos alunos dentro e fora da sala, algum ruído e conversas adicionais que levariam a uma passagem despercebida da música durante esta aula.

3ª aula 14 fev - Michael Nyman, The piano

Síntese: Michael Nyman é um compositor, musicólogo e pianista britânico. The piano é uma das suas obras mais visíveis, foi desenvolvido especialmente para a banda sonora do filme com o mesmo nome, sendo bem recebido pela crítica. Este álbum foi reproduzido na íntegra durante esta aula, tendo-se verificado uma boa aceitação por parte dos alunos.

Os trabalhos em curso neste momento tinham sido iniciados semanas antes, fazendo parte do projeto de outro professor, e era baseado na correlação entre a cor e o módulo padrão aplicado aos trajes típicos de Ílhavo. Inicialmente foi pedido aos alunos para realizarem uma pequena pesquisa sobre os padrões e cores das roupas tradicionais da região, e posteriormente construir um novo padrão tendo como ponto de partida um nome tradicional de Ílhavo. Esta aula consistiu numa fase intermédia do projeto, onde os alunos estavam a esboçar os primeiros traços daqueles que seriam os seus futuros padrões. (ver imagens do projeto, p.81)

4ª aula 28 fev - Moby, 18

Síntese: Músico, cantor, compositor, DJ e fotógrafo Norte-americano, Moby conta já com uma vasta obra musical e com bastante aceitação por parte do público. O seu estilo assume uma identidade muito própria, talvez devido à grande diversidade de influências que variam desde a música clássica, passando pelo punk até à eletrónica, resultando em composições que acarretam sempre uma grande carga emocional, com melodias bastante cuidadas e letras intimistas.

As músicas reproduzidas durante a aula fazem parte do álbum “18”.

Os alunos continuaram com o projeto da cor/padrão. Neste momento havia alguma discrepância entre a evolução dos trabalhos dos alunos, por um lado os mais adiantados começavam a projetar aquele que seria o cartaz final do seu padrão, no entanto haviam bastantes alunos que ainda não tinham definido exatamente como trabalhar os elementos de forma a construírem o seu padrão. Durante as aulas de interposto, onde não foi utilizada música ambiente, os alunos receberam noções de construção e composição dos elementos constituintes do módulo padrão e da cor.

5ª aula 6 mar - Red Sparowes, Every Red Heart Shines Toward The Red Sun

Síntese: Red Sparowes é uma banda Norte-americana de rock instrumental, rock progressivo e experimental. Every Red Heart Shines Toward The Red Sun é o seu segundo trabalho de originais, contando com oito temas instrumentais, sem letra, os quais relatam um massacre em massa de pardais ocorridos durante a governação do imperador chinês Mao Zedong, devido à destruição que estes provocavam nas suas culturas.

Esta aula serviu de continuação para o projeto do módulo padrão.

O álbum reproduzido foi o “Every Red Heart Shines Toward The Red Sun”

6ª aula 13 mar - Beirut, Gulag Orkestar e Lon Gisland

Síntese: Fortemente influenciada pela música folk e do leste da europa, Gulag Orkestar e Lon Gisland são dois dos trabalhos de Beirut com mais visibilidade. A banda conta com uma serie de instrumentos que lhe confere uma sonoridade muito própria e consequente identidade sonora, entre os quais os violinos, violoncelos, órgãos, pianos, ukuleles, tambores, congas, clarinetes, bandolim, guitarra, e trompetes, (...)

Inicialmente era pretendido que os alunos por esta altura já tivessem acabado os seus cartazes a2 sobre o módulo padrão, no entanto apenas um número muito reduzido de alunos o tinham conseguido, acabando os restantes por prolongar a duração do projeto por mais tempo.

Nesta aula foram reproduzidos um álbum e um EP (Gulag Orkestar e Lon Gisland), uma vez que a duração total de cada um deles era insuficiente para preencher a duração da aula.

7ª aula 17 abr - Chopin, The Very Best of Chopin

Síntese: Chopin foi um pianista e compositor romântico. A compilação escolhida conta com algumas das obras mais conhecidas do artista.

Terminado o projeto anterior, os exercícios desta aula consistiam no desenho à vista levantada de objetos.

Este álbum é composto por uma compilação de composições de Chopin, contendo alguns dos seus trabalhos mais reconhecidos.

8ª aula 24 abr - Dedicada à playlist selecionada pelos alunos

2.2.4 Material de amplificação utilizado e sua disposição na sala de aula

Para realização do projeto era necessário que a música fosse reproduzida de forma a ser audível por todos e em qualquer parte da sala. Apesar de não ser imprescindível a utilização de um sistema de amplificação muito potente, o computador portátil usado para leitura das músicas também não possuía as características ideais de amplificação, sendo o recurso às colunas pertencentes à biblioteca da escola a melhor opção encontrada. Deste modo foi possível obter um volume adequado ao espaço e com boa qualidade áudio.

A disposição das colunas na sala também acabaria por se alterar no decorrer do projeto. Inicialmente estas foram colocadas na parte frontal da sala, posição número 1, de forma a facilitar a gestão da música, momentos de pausa e de reprodução. No entanto, ao fim de algumas aulas optou-se pela sua colocação no fundo da sala, posição número 2. Esta medida possibilitou uma diminuição do ruído causado pela música na zona frontal da sala, resultando numa melhoria da comunicação entre os alunos e professores, uma vez que estes se situavam maioritariamente nessa área da sala, acabando a música por perder um pouco do foco e da intensidade inicial.

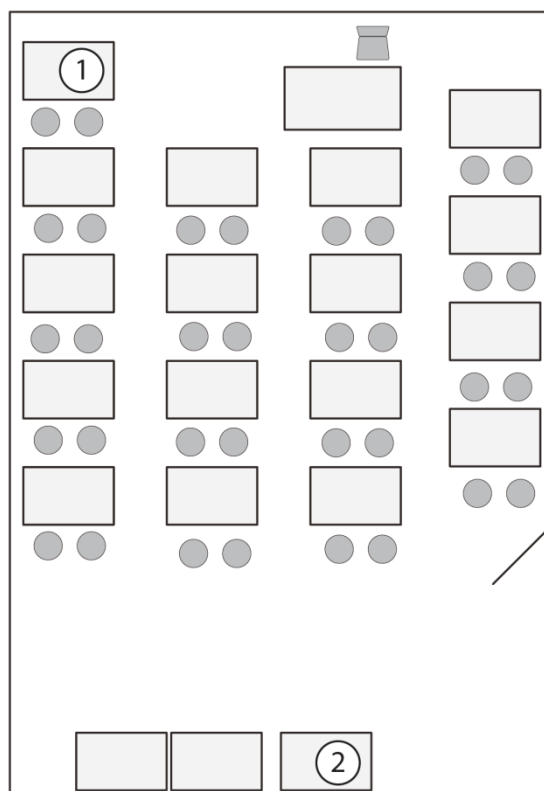


Figura 1. Planta da sala e disposição do material de reprodução áudio

2.2.5 Instrumentos de recolha de dados

Os instrumentos de recolha de dados utilizados no estudo foram os seguintes: Entrega de dois inquéritos por questionário aos alunos, realizados no início e no final do estudo;

Observação, por parte do autor do estudo, do desenvolvimento das aulas com ou sem o recurso à música ambiente;

Conversas efetuadas durante o período de realização do projeto, entre o autor, alunos e restantes professores, sobre assuntos relacionados com o decorrer do projeto.

Os inquéritos por questionário consistiam numa folha de papel A4, para preenchimento no início aula, compostos sobretudo por questões de resposta fechada.

2.2.6 Tratamento de dados

O tratamento dos dados dos inquéritos por questionário foi realizado com o auxílio do software IBM SPSS Statistics 20, uma vez que as questões eram maioritariamente de resposta fechada, facilitando assim a sua interpretação, havendo apenas uma questão de resposta aberta, à qual foi feita uma análise individual a cada resposta. O restante material recolhido, conversas e observações, foram registadas para posteriormente serem analisadas no decorrer deste estudo.

3. Resultados

3.1 Observações

A primeira reação dos alunos ao tomarem conhecimento da realização deste projeto revelar-se-ia bastante positiva. Havia um clima de satisfação geral da turma, motivado possivelmente por terem sido os alunos escolhidos para a realização deste projeto, e de certa forma privilegiados perante as outras turmas. Assim, das primeiras conversas à realização do primeiro inquérito por questionário foi uma questão de tempo, cerca de três semanas, em que os alunos evidenciavam alguma ansiedade para o início das sessões musicais. Este acabaria por se iniciar na semana seguinte à entrega do primeiro inquérito por questionário e de uma pré-seleção de reportório para reprodução nas aulas como vimos anteriormente.

A primeira aula com música ambiente ocorreu no dia 29 de novembro. O material de reprodução áudio seria previamente montado e preparado com o auxílio dos alunos, sendo feita uma pequena introdução aos objetivos e delimitações do estudo para posteriormente dar início ao projeto. Seria fundamental o conhecimento por parte de todos os presentes do âmbito e fatores que poderiam condicionar ou impedir o bom funcionamento do projeto e o decurso normal da aula. Por conseguinte dar-se-ia início à reprodução sonora com um pequeno enquadramento teórico sobre o que se iria ouvir. Este seria um processo repetido a cada sessão, uma vez que se tratava de um fator importante para o entendimento e contextualização dos autores e sons associados. Com o decorrer das aulas foi possível verificar um decréscimo na atenção dos alunos para estas abordagens iniciais, embora essa sensação não se tenha refletido na vontade destes seguirem em frente com o projeto, uma vez que se mostravam constantemente interessados na colocação de música ambiente.

As mudanças comportamentais foram visíveis logo na primeira aula, como seria de esperar, observando-se um conjunto de atitudes e comportamentos nos alunos que até então não tinham sido verificados. A maioria da turma respondeu de forma positiva, acabando por resultar, na sua generalidade, numa diminuição das conversas paralelas e consequente aumento de

concentração e empenho nos trabalhos a desenvolver. Por outro lado, alguns alunos aproveitaram a situação para criar momentos de diversão, que por norma já eram os alunos com comportamentos menos positivos durante as aulas passadas, não se tendo verificado no entanto situações problemáticas. Estes procuravam sobretudo obter algum protagonismo perante os colegas, comportamentos que não sendo benéficos para a aula acabariam por não criar problemas de maior, diminuindo progressivamente a sua ocorrência à medida que o projeto ia avançando.

Um dos temas de conversa mais solicitado pelos alunos dizia respeito à reprodução de um reportório mais “comercial”, este fora surgindo de forma gradual no decorrer do projeto. Esta questão estaria no entanto condicionada desde o início pelos objetivos do projeto, no entanto não seria por ele esquecida, havendo inicialmente uma aula dedicada a uma lista de músicas exclusivamente selecionada pelos alunos. Esta teria no entanto algumas condicionantes, passando pela participação da totalidade ou maioria dos alunos. Para isso foi sugerido que se realizasse uma pasta em que cada aluno contribuiria com o máximo de três músicas, as quais seriam futuramente reproduzidas em conjunto numa aula futura. Esta proposta cativou os alunos inicialmente, no entanto, com o decorrer do tempo foi-se verificando um afastamento gradual desta iniciativa por parte de alguns alunos, acabando por não se concluir a lista como inicialmente se tinha previsto. Em sua substituição foi elaborada uma lista nessa aula com o auxílio dos alunos, a qual foi reproduzida ainda durante a mesma aula.

Depois de algumas aulas foi possível estabelecer uma ligação plausível dos resultados das sessões sobre os comportamentos e atitudes resultantes, e apesar de em todas as aulas se verificarem situações e respostas diversificadas por parte dos alunos a vários aspetos abrangidos pelo estudo, foi possível descrever um conjunto de situações e atitudes resultantes, entre elas:

- De uma forma geral, a maioria dos alunos responderam de forma positiva ao estudo, sem se ter verificado nenhuma situação extrema que originasse o encerramento da música ambiente.

- Devido à variedade de gostos e preferências dos alunos nem sempre foi possível agradar a todos simultaneamente, levando alguns a questionar o porquê de não usar auscultadores de ouvido individuais, podendo assim cada um escolher o que quisessem ouvir.
- Nas aulas em que a música ambiente não foi utilizada alguns alunos acabaram por comentar a situação e solicitar a sua colocação.
- Apesar da receptividade e respeito evidenciada pelos alunos para sonoridades que não eram do seu conhecimento ou preferência, nem sempre as viram de forma positiva, havendo momentos em que mostraram algum desagrado pela escolha de repertório.
- De todas as observações e conversas realizadas com os alunos, verificou-se que os dois NES tinham uma aceitação do projeto ligeiramente superior ao resto da turma. Absorvendo com muita mais facilidade a diversidade de géneros musicais expostos, resultando numa maior envolvimento no ambiente de trabalho e espírito pretendido. No entanto é importante referir que estes já eram por norma os alunos com melhor comportamento da turma, assim como outros fatores que podem contribuir para a obtenção destes resultados, o que não deixa de ser um fator importante a salientar.

3.2 Resultados dos inquéritos

3.2.1 Resultados do primeiro inquérito

O primeiro questionário efetuado aos alunos revelou-se no marco de lançamento do projeto, o qual fora entregue e preenchido durante os primeiros minutos da aula. Este estava organizado em três partes distintas, sendo composto maioritariamente por questões de resposta fechada. A primeira parte era constituída por duas questões de ordem formal, sem solicitação da identificação dos alunos, seguido de cinco questões fechadas relativas ao estudo e sua aceitação por parte dos alunos. O questionário terminava com duas questões abertas sobre os gostos musicais dos alunos, e uma primeira solicitação para estes se envolverem-se e propusessem no processo de

escolha de reportório. Embora nesta altura o projeto ainda não estivesse completamente definido e delimitado, estas questões acabariam por ser importantes para a sua evolução, assim como para a compreensão das reações dos alunos no desenrolar das sessões em relação ao reportório utilizado.

A nomenclatura utilizada para identificação das questões é a seguinte: identificação inicial do questionário por numeração romana “I e II” (questionário um ou questionário dois), seguido da letra “Q” referente à questão. Os seguintes algarismos referem-se ao grupo e ao número da questão respetivamente “2.3”. Neste caso, a questão IQ2.3 refere-se ao primeiro questionário, segundo grupo, questão três.

Primeira parte:

Uma vez que os dados da amostra já contêm a informação relativa ao primeiro grupo do inquérito, apenas será pertinente apresentar os resultados das questões posteriores.

Segunda parte:

Para a segunda parte do questionário, os alunos deveriam selecionar de entre as seguintes opções a que mais se adequava à sua opinião: Discordo Totalmente; Discordo; Indeciso; Concordo; Concordo Totalmente.

De forma a simplificar a visualização dos resultados, as respostas dos alunos estão representadas segundo duas barras de cores diferentes correspondendo à identificação do género dos alunos. Estas apresentam-se da seguinte forma:

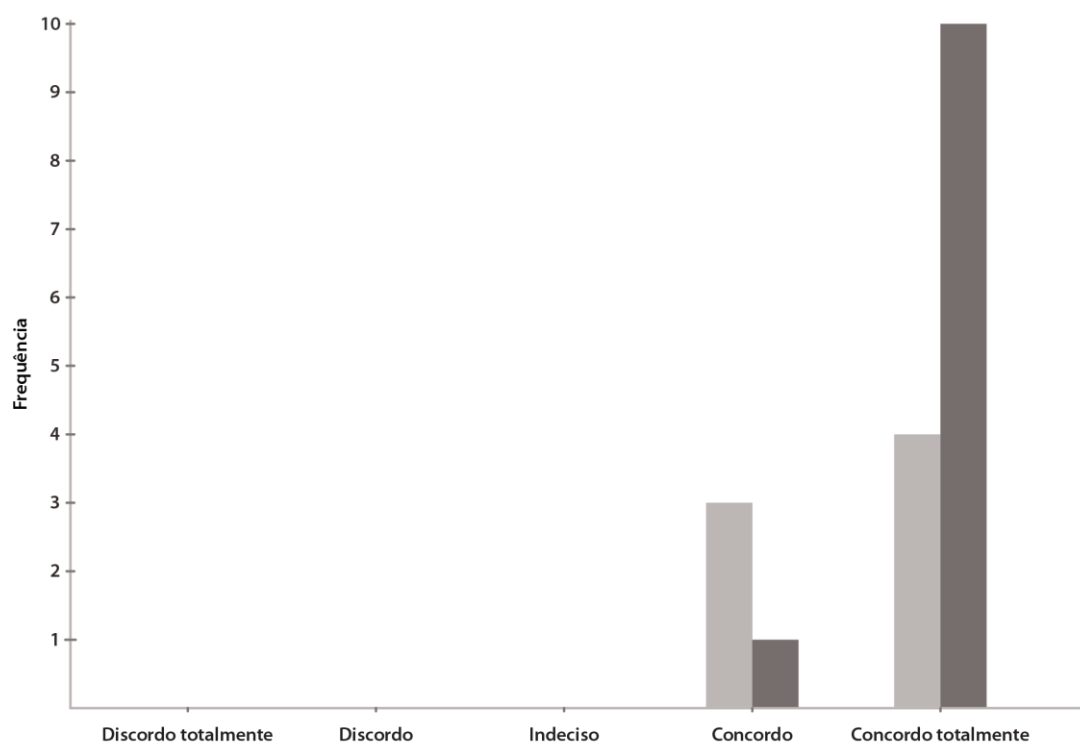


Representação gráfica das respostas do género feminino



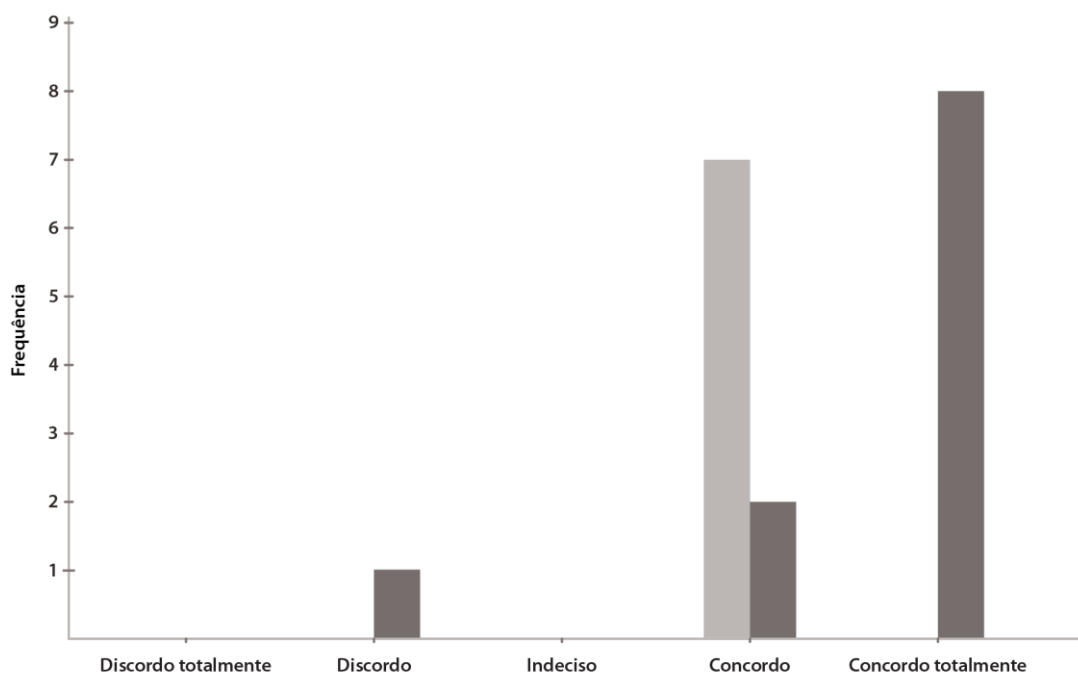
Representação gráfica das respostas do género masculino

IQ2.1 Perante a questão “Gosto e ouço música sempre que posso.” Procurou-se chegar a uma percepção geral sobre a envolvimento dos alunos para o tema da música. A grande maioria, 77,8% dos alunos, concordou totalmente com a afirmação, sendo que os restantes responderam afirmativamente concordando, revelando-se num bom prenuncio para as seguintes questões.



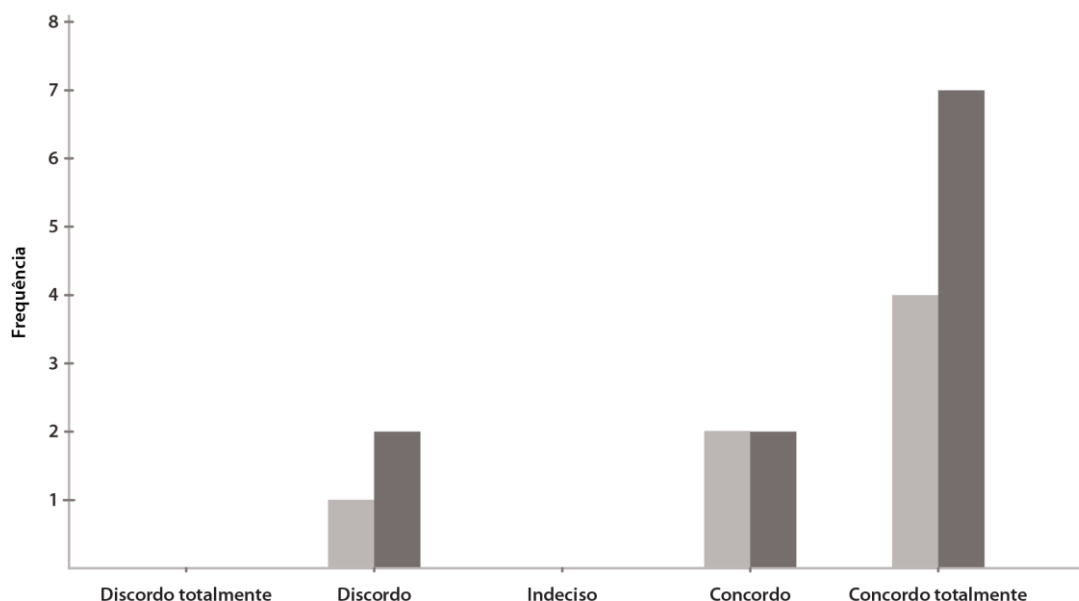
IQ2.1 Gosto e ouço música sempre que posso.

IQ2.2 A seguinte questão vai ao encontro do objetivo principal do estudo, procurando perceber se a música poderia e deveria ser usada durante a realização das aulas de educação visual como um fator de motivação. À exceção de uma aluna, a turma via com bons olhos a realização desta iniciativa. A obtenção destes resultados acabaria por ir ao encontro das conversas efetuadas com os alunos antes da realização deste inquérito, confirmando assim a sua aceitação pela generalidade da turma.



IQ2.2 A música deveria ser usada durante as aulas de educação visual de forma a criar um ambiente de trabalho mais descontraído e motivante para os alunos.

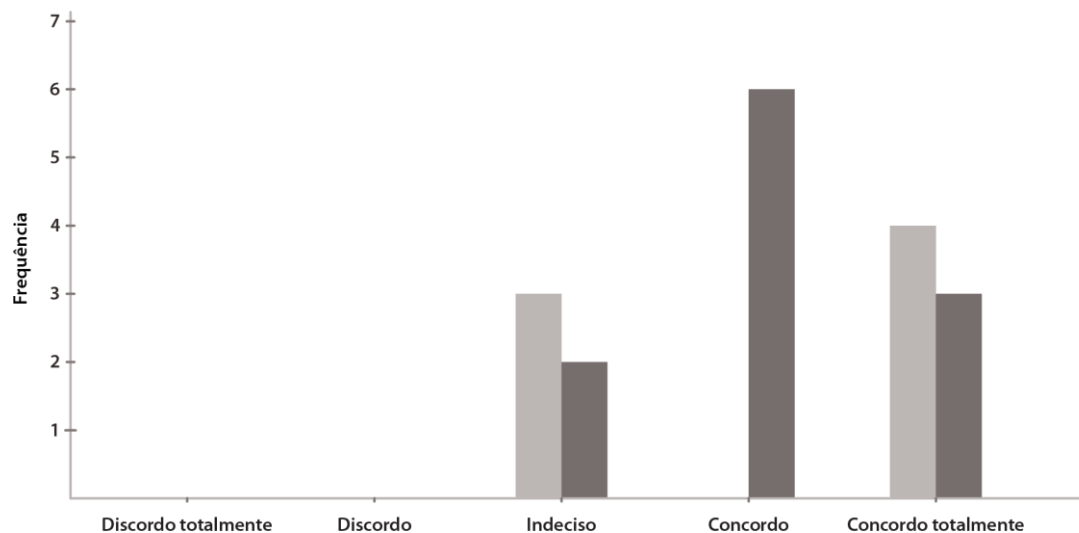
IQ2.3. Questionados sobre o volume a que a música deveria ser utilizada dentro da sala de aula, as respostas foram bastante conclusivas. A maioria dos alunos concordou com a ideia de que o volume da música deveria ser o suficiente para toda a gente a ouvir, mas sem que esta se transformasse num bloqueio à comunicação, ou interferisse com as outras salas. No entanto registar-se-ia três respostas opostas, o que não deixa de ser surpreendente, uma vez que se trata de um assunto fundamental para o bom funcionamento do projeto.



IQ2.3. O volume da música deveria ser o suficiente para toda a gente ouvir, mas sem interferir com as intervenções (comentários) do professor/alunos.

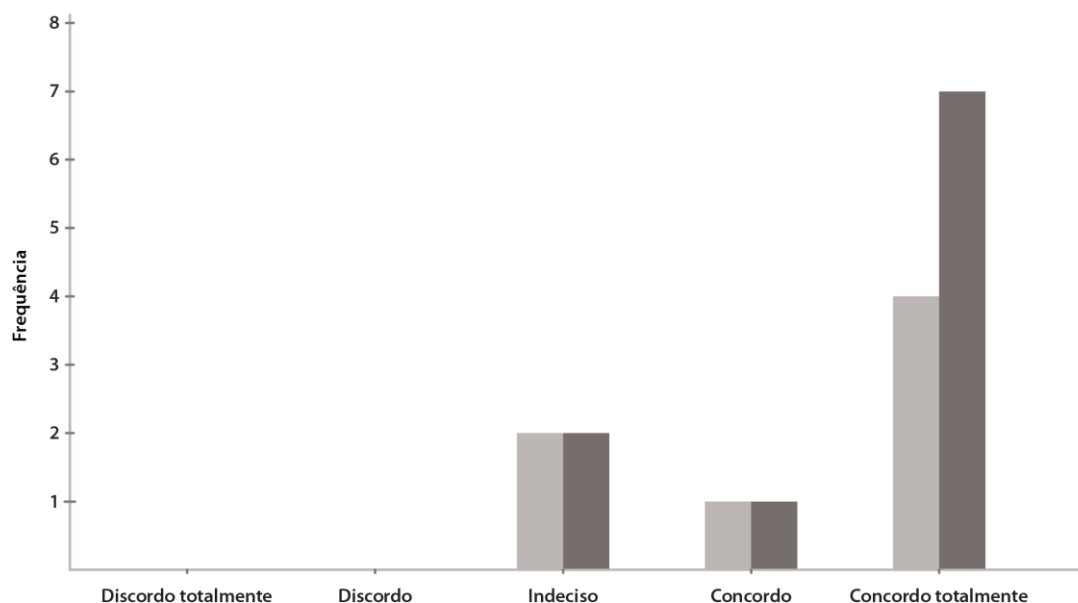
IQ2.4 O seguinte gráfico demonstra que apesar da maioria dos alunos se sentirem motivados e com vontade de participar na escolha de reportório a utilizar, para cinco deles (27,8%) esta questão não suscitou grande interesse respondendo de forma neutra à questão. Este assunto viria a ser abordado novamente na terceira parte do questionário, onde era pedido aos alunos que deixassem sugestões para temas ou artistas que achavam pertinentes serem incluídos na lista a reproduzir.

Esta seria a questão da segunda parte do questionário que evidenciaria uma diferença mais significativa entre as respostas dos alunos. No entanto, como se pode verificar, existe apenas uma percentagem mais acentuada de respostas indecisas por parte do género masculino, não havendo grandes discordâncias a nível geral das opiniões.



IQ2.4 Gostava de participar na escolha das músicas (reportório) a reproduzir na sala de aula.

IQ2.5 Uma vez que todos nós temos gostos e preferências diferentes, seria importante ter uma percepção geral sobre a receptividade que os alunos teriam para sonoridades que não fazem parte do seu cotidiano. Esta era uma questão importante para o decorrer do projeto, pois apesar dos alunos terem as suas características que os diferenciam de grupo, a sua identidade, deparamo-nos com uma diversidade e heterogeneidade de gostos bastante grande, sendo praticamente impossível agradar a todos simultaneamente. No entanto seria fundamental que todos respeitassem o que se iria ouvir para que o projeto seguisse de forma sustentável, o que não implicava a sua questionação e discordância. À exceção de uma resposta nula, os alunos responderam de forma bastante positiva à questão.



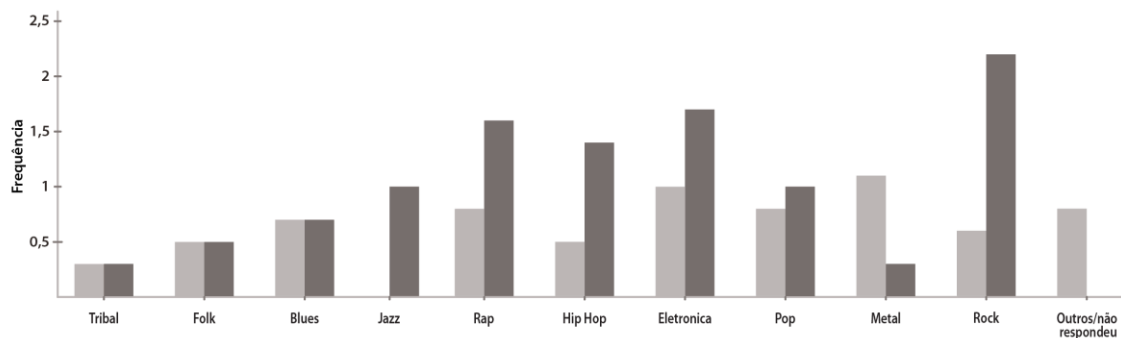
IQ2.5 Era capaz de ouvir e respeitar as músicas escolhidas pelos meus colegas e professores. Esta é a única forma desta experiência funcionar.

Terceira parte:

IQ3.1 Em relação à adequação dos estilos musicais às condicionantes da aula e tudo o que a rodeia e engloba, os resultados não foram concludentes dada a grande variedade de opiniões, registando-se apenas uma pequena vantagem pela preferência por estilos eletrónicos, e no caso das raparigas pelo rock, ainda que sem um destaque significativo.

Numa visualização mais alargada é possível verificar uma supremacia dos estilos mais populares (eletrónica, rock, pop, ...) provavelmente por se tratar de estilos mais comerciais e possivelmente das preferências pessoais dos alunos, apesar da questão não se debruçar concretamente sobre este aspeto específico.

O gráfico apresentado é fruto das três primeiras escolhas dos alunos em relação à questão, para isso foram atribuídas diferentes percentagens de importância, nomeadamente: 50% para a primeira escolha; 30% para a segunda escolha; 20% para a terceira escolha. Dado o grande número de respostas em branco nas seguintes preferências, estas não foram contabilizadas.



IQ3.1 Que estilos te parecem mais adequados para ouvir numa sala de aula? (ex: pop, rock, folk, blues, jazz, tribal, metal, erudita [clássica], rap, hip hop, eletrônica, ...) Organiza por ordem decrescente de importância.

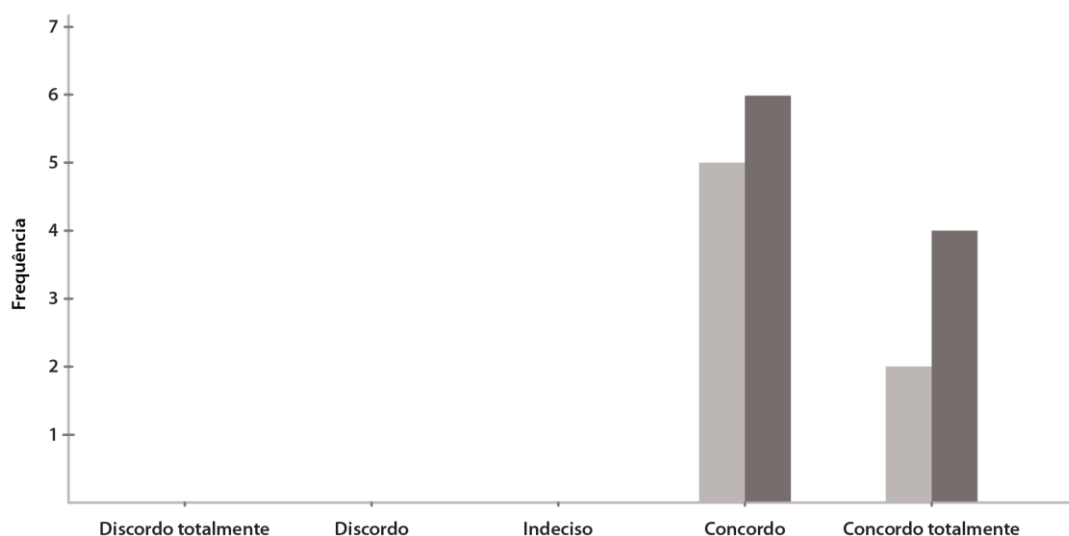
IIIQ2. Para a questão “Dá exemplos de artistas/músicas que gostarias de ouvir durante uma aula de educação visual” a variedade de respostas foi bastante grande, mas assentava sobretudo em artistas ou músicas dos tops atuais. No entanto registaram-se algumas recomendações que se podem considerar bastante pertinentes, como foi o caso de Beethoven, Mozart, e de algumas músicas isoladas que se enquadravam nos objetivos pretendidos, embora numa escala bastante reduzida. De salientar que esta questão obteve um grande número de respostas em branco.

3.2.2 Resultados do segundo inquérito

O segundo questionário foi efetuado no final do estudo, também em formato físico A4, culminando simultaneamente com as últimas semanas de Prática de Ensino Supervisionada. Este visou sobretudo obter uma apreciação generalizada sobre o decorrer do projeto, grau de satisfação, problemas ocorridos e sugestões para o melhorar. Este questionário foi organizado segundo três partes distintas, sendo a primeira idêntica à do primeiro questionário, composta por duas questões de ordem formal, seguido de nove questões fechadas sobre o decorrer do estudo, e terminando com uma questão aberta de opinião.

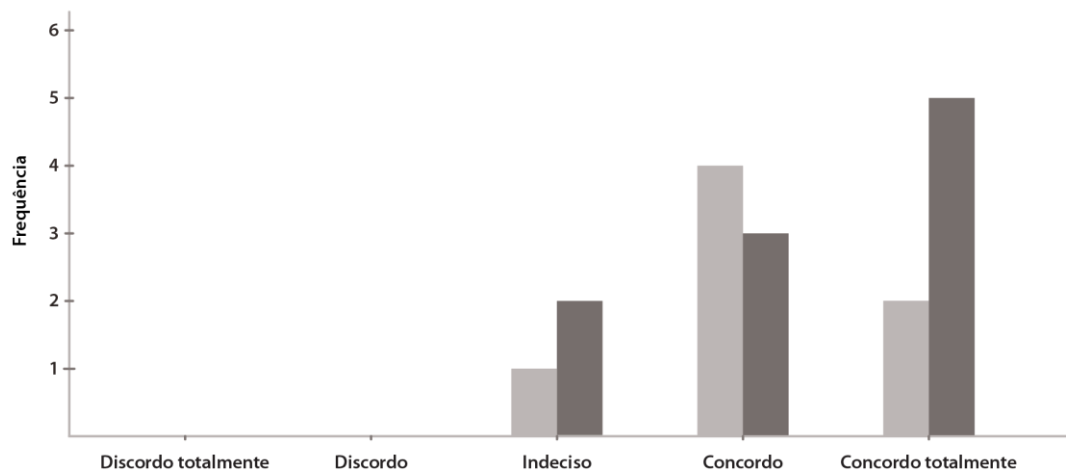
Segunda parte:

IIQ2.1 A criação de um ambiente de trabalho motivante para os alunos era um dos objetivos fulcrais da realização deste estudo. Como podemos verificar no seguinte gráfico, as opiniões dos alunos em relação a esta questão foram extremamente positivas e similares, não havendo indícios de que a música tenha passado despercebida sem influenciar positivamente o decorrer das aulas.



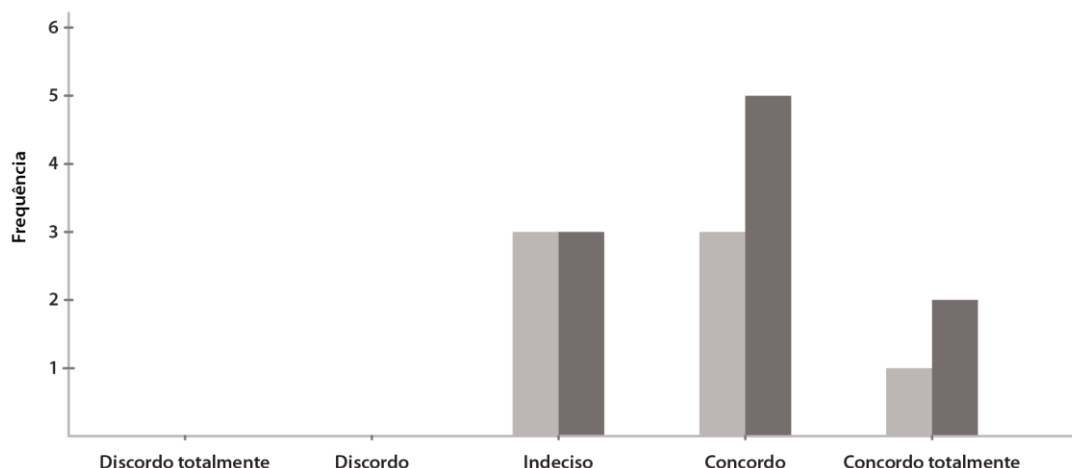
IIQ2.1 A utilização da música tornou o espaço de aula mais envolvente e motivante para o trabalho?

IIQ2.2 A seguinte questão vem no seguimento da anterior, seria portanto de esperar um paralelismo nos resultados, o que acabaria por acontecer. Como podemos verificar durante a fundamentação teórica existe uma ligação bastante estreita entre a motivação, o empenho e a obtenção de resultados. Estar motivado traduz-se inevitavelmente numa predisposição do individuo na realização das tarefas. Os resultados do seguinte gráfico apontam nesse sentido, pois segundo os alunos, a música contribui para elevar os níveis de concentração durante a realização das tarefas da aula, havendo apenas uma baixa percentagem de alunos indecisos a assinalar.



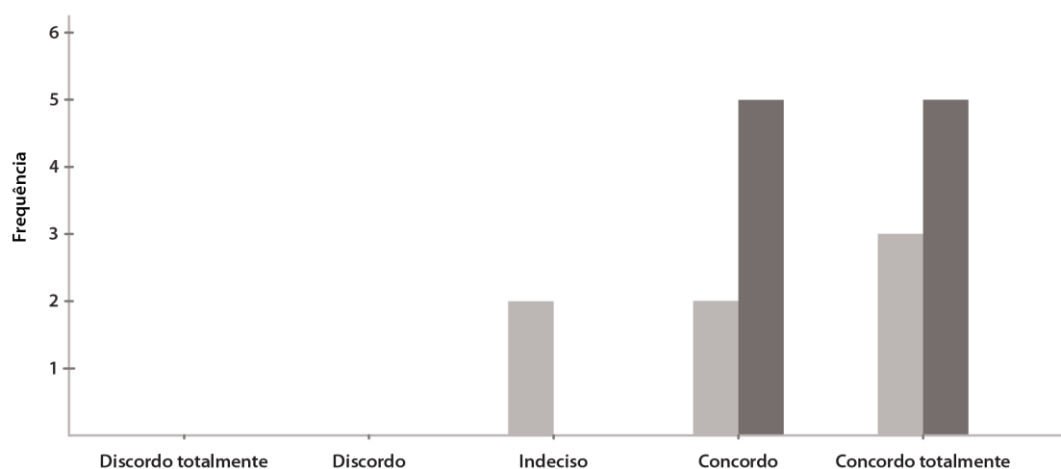
IIQ2.2 Sentes que a música contribuiu para aumentares os níveis de concentração na realização das tarefas da aula?

IIQ2.3 Apesar da avaliação dos resultados dos trabalhos realizados durante a utilização da música ambiente não ser um dos aspetos pela qual o trabalho se orientou, seria interessante perceber se este fator influenciaria de alguma forma a qualidade final dos trabalhos desenvolvidos. Esta seria no entanto uma questão bastante subjetiva, pois à exceção de desenhos, não houve nenhum trabalho duplicado cuja única variante seria a utilização de música ambiente, impedindo assim uma avaliação fiel dos resultados. No entanto, na opinião dos alunos estes fatores acabariam por conduzir a uma melhoria visível dos resultados finais dos seus trabalhos. Apesar da percentagem de respostas indecisas subirem em relação às questões anterior, não se verifica nenhuma resposta negativa que refute esta ideia.



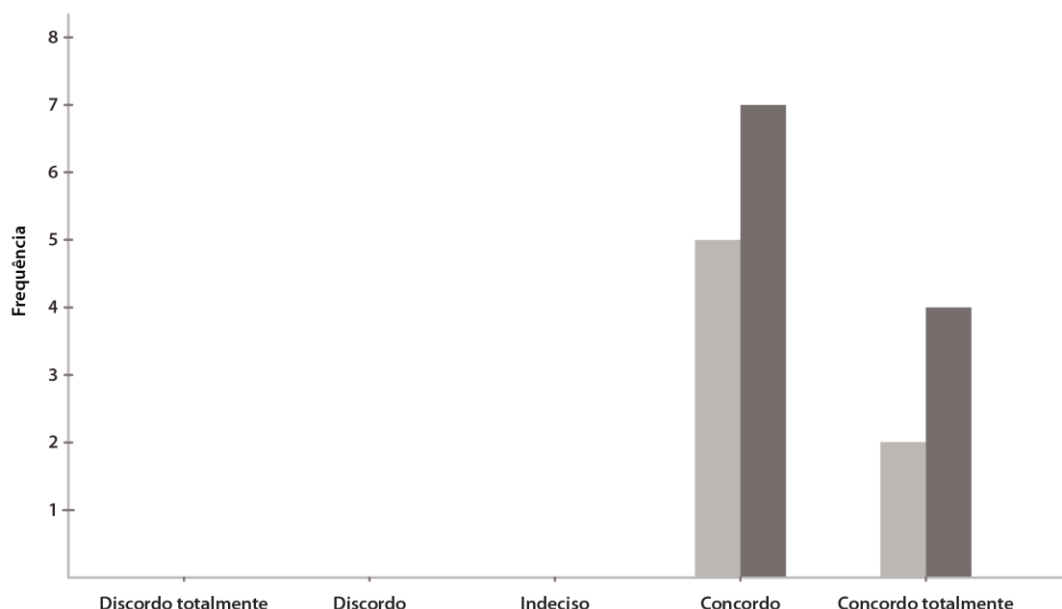
IIQ2.3 E a nível gráfico, houve alguma melhoria na quantidade e qualidade dos teus trabalhos?

IIQ2.4 Um dos temas de conversas mais frequentes com os alunos durante as aulas, e que acabaria por dar origem a esta questão dizia respeito ao uso de auriculares individuais em vez da reprodução da música ambiente. De um modo geral os resultados à questão confirmam essas pretensões, sendo que a maioria dos alunos optaria pela escolha e gestão individual da música que iriam ouvir. Nesta questão é importante salientar que as respostas indecisas resultaram apenas de alunos do sexo masculino, coincidindo respetivamente com o feedback resultante das conversas com os alunos durante as aulas.



IIQ2.4 Preferias ouvir a tua própria música com fones de ouvido?

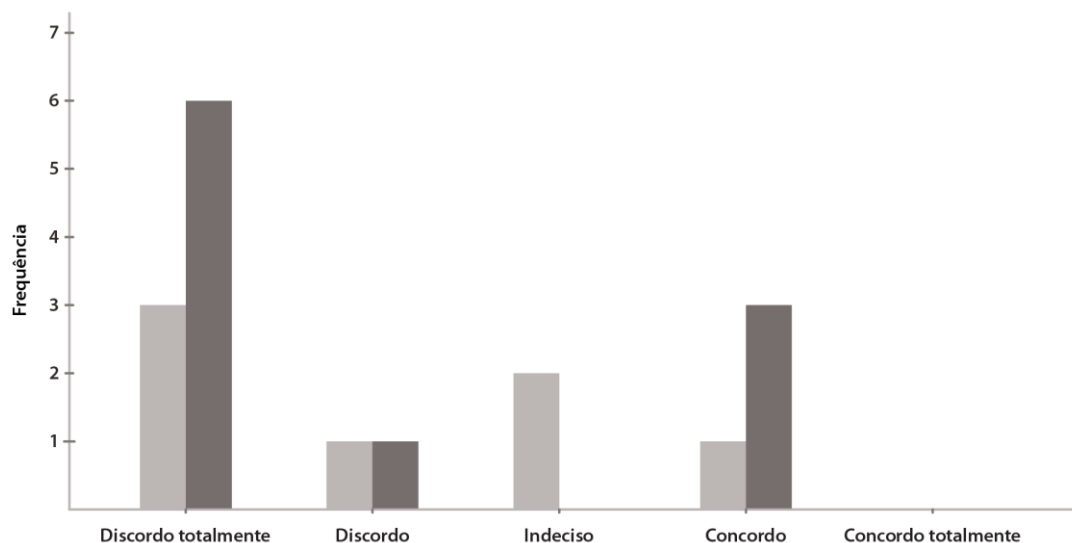
IIQ2.5 Relativamente à adequação do volume ao espaço da sala de aula as respostas foram unânimes, havendo concordância total por parte dos alunos sobre o bom funcionamento dessa variante.



IIQ2.5 Os níveis (volume) utilizados durante o projeto pareceram adequados aos objetivos pretendidos?

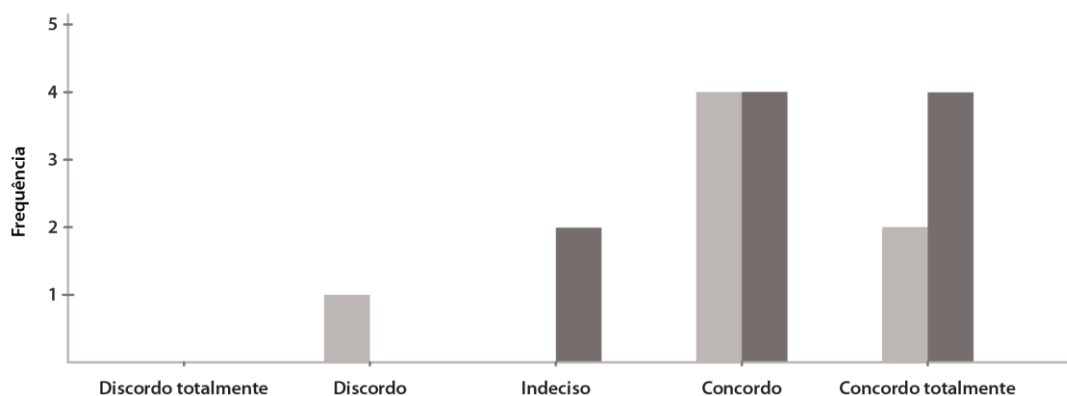
IIQ2.6 Apesar dos resultados da questão anterior evidenciarem um uso moderado do volume da música, ajustado à sala de aula, alguns alunos revelaram que a música acabaria por lhes dificultar a comunicação entre os colegas ou professores durante algum momento. Embora não seja uma opinião generalizada da turma, não deixa de ser um ponto negativo, podendo suscitar o aparecimento de situações indesejáveis para o desenrolar da aula.

À semelhança do primeiro inquérito, a distinção do género não se revelou um elemento fundamental e diferenciador dos resultados, acabando por apenas se verificar pequenas variações nas opiniões ao longo das questões, como no caso do seguinte gráfico.



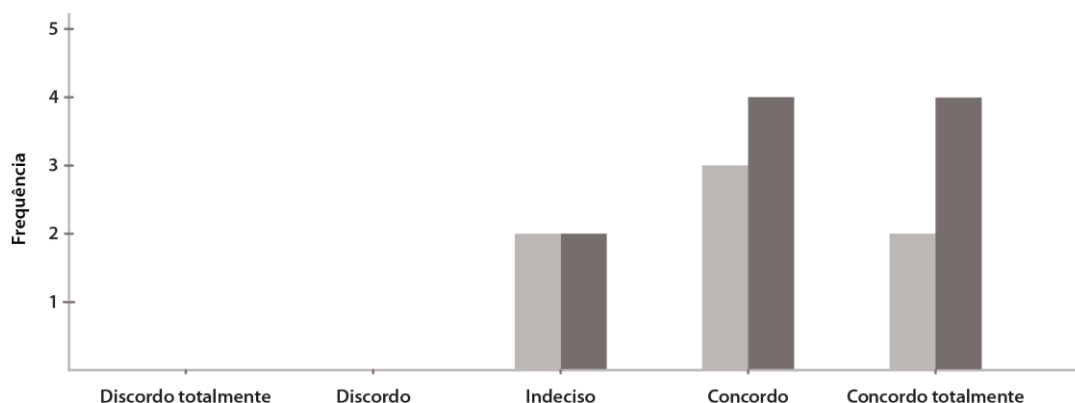
IIQ2.6 Em algum momento sentiste dificuldades em comunicar com os colegas ou professor devido ao volume da música, obrigou-te a falar mais alto?

IIQ2.7 Questionados sobre a importância de se abordarem sonoridades menos divulgadas na sala de aula, de uma forma geral os alunos sentem necessidade de se explorar e dar a conhecer novas áreas sonoras, havendo apenas uma resposta discordante a registar.



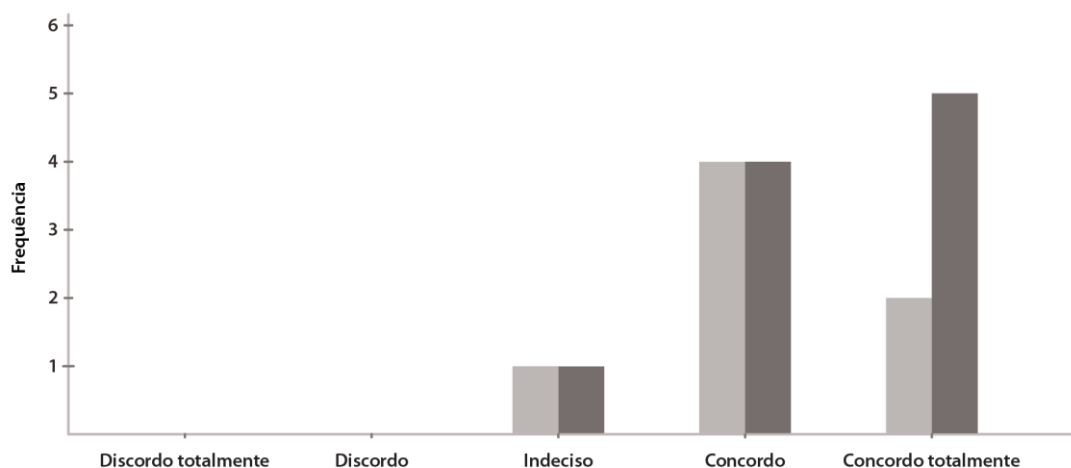
IIQ2.7 Uma vez que atualmente a música (comercial) faz parte do quotidiano de todos nós, é importante num contexto de sala de aula explorar outras áreas musicais e dar a conhecer outras sonoridades?

IIQ2.8 Na continuação da temática anterior, o seguinte gráfico demonstra que o relatório utilizado durante as sessões cumpriu com os objetivos pretendidos. De uma forma geral as respostas estiveram bastante próximas das da questão anterior, o que demonstra uma certa coerência na avaliação feita pelos alunos aos princípios da escolha de relatório.



IIQ2.8 Tendo em conta que a escolha das músicas deveriam ter em conta o contexto de sala de aula, em que era fundamental uma certa distanciação e abstração para que estas não se assumissem como mais um motivo de distração e permitissem o bom desenvolvimento das tarefas pretendidas, pareceu-te uma seleção adequada?

IIQ2.9 O seguinte gráfico ilustra a apreciação geral dos alunos sobre o projeto desenvolvido. Os resultados apresentados foram bastante positivos.



IIQ2.9 De uma forma geral, o uso da música durante as aulas de EV foi uma experiência produtiva?

Terceira parte:

IIQ3.1 Que sugestões darias para melhorar este projeto?

Uma vez que se trata de uma questão de resposta aberta, não se justificaria a utilização de um gráfico, optando-se por uma descrição das principais opiniões resultantes.

Apesar da liberdade concedida aos alunos para criticarem/sugerirem outras abordagens ao projeto, e mesmo tendo sido solicitados repetidamente, estes acabariam na sua maioria por não ter uma atitude crítica em relação ao projeto, havendo mesmo um grande número de respostas em branco. Neste ponto, as conversas efetuadas com os alunos durante todo o tempo em que o projeto foi desenvolvido acabariam por ter um papel bastante mais elucidativo das suas opiniões. No entanto, por entre os que nada tinham a acrescentar e os que achavam que o projeto já era bom o suficiente, surgiram algumas opiniões um pouco mais construtivas, destacando-se as seguintes:

- Utilização de auriculares individuais para que cada um pudesse ouvir a sua música;
- Deveriam ser abordados mais géneros e estilos de música;
- Optar por uma playlist mais variada dentro de cada aula, com vários artistas e sonoridades distintas;

4. Discussão

Os resultados obtidos pela aplicação dos inquéritos por questionário aos alunos foram, na sua generalidade, bastante positivos e de certa forma confirmam a pertinência da elaboração deste estudo. No entanto torna-se pertinente fazer uma análise cuidada dos resultados de algumas questões, relacionamento de temáticas, e consequente cruzamento com os dados resultantes das observações e conversas efetuadas no decorrer do projeto e nas aulas de interrupto.

Como se pode verificar ao analisar os resultados das questões IQ2.2 e IIQ2.1, o desenrolar do projeto acabou por confirmar as opiniões iniciais dos alunos, chegando mesmo a obter conformidade total dos alunos sobre a influência positiva que a música acarreta para a sala de aula. De certa forma, as expectativas da turma acabaram por ser correspondidas com a realização do projeto, e no caso em que existia dúvidas sobre a sua pertinência, estas acabaram por ser suprimidas como podemos verificar no segundo gráfico.

Consequentemente, os resultados obtidos nas questões IIQ2.2 e IIQ2.9 acabam por se validar mutuamente, uma vez que se verifica uma correspondência quase total entre as respostas a esta temática. Neste aspeto as conversas e observações acabam por ir ao encontro destes resultados, pois em variadíssimas ocasiões foi possível verificar que as sessões acabavam por tornar o espaço da aula num ambiente mais descontraído e motivante, assim como nas aulas de paragem do projeto era frequente os alunos solicitarem o uso de música, sobretudo os que não utilizavam regularmente leitores com auriculares durante essas mesmas aulas.

O assunto dos auriculares acabaria por originar longas conversas com os alunos, uma vez que foi um dos temas abordados com mais frequentes da parte deles, levantado no entanto uma série de questões importantes. Como se verifica no gráfico IIQ2.4, a preferência dos alunos pelo uso de auriculares é esmagadora. É no entanto fundamental perceber e delimitar o âmbito do projeto, que visava acima de tudo criar um ambiente para a sala de aula propício ao bem-estar e por conseguinte motivante para o trabalho. A utilização

de fones de ouvido por parte dos alunos em detrimento da música ambiente não iria ao encontro desses objetivos, uma vez que a sua influência no ambiente da sala não resultaria numa mudança global, mas sim em mudanças individuais. Consequentemente, a utilização de auriculares por parte de toda a turma, além de parecer uma realidade um pouco perplexa e descontextualizada do espaço, poderia acarretar sérios problemas para o desenrolar natural de uma aula e relacionamento entre os vários elementos. Numa situação extrema, poderia acabar por criar um distanciamento entre alunos e professor, facilmente percebida pela dificuldade que a comunicação entre ambos comportaria. Além destes aspetos, que por si só já eram bastante relevantes, perder-se-ia toda a componente didática que o projeto acarreta. A exploração de novas sonoridades e autores, a capacidade dos alunos se envolverem e respeitarem a diversidade musical, a criação de um ambiente agradável comum a todos os elementos da turma, eram áreas que não seriam abrangidas caso o projeto se focasse no uso de auriculares. Estes foram conceitos que de certa forma os alunos reconheceram importância, mas por outro lado, acabavam por tendencialmente mostrar um certo desagrado pela incapacidade em manipularem a música reproduzida. Algo que só seria possível individualmente.

Independentemente da realização do projeto, nas aulas em que este não foi efetivado nem havia exposição de novos conteúdos os alunos tinham liberdade para utilizarem os seus leitores com auriculares individuais.

Uma vez que a sala onde decorria a aula não continha qualquer tipo de isolamento acústico era importante fazer uma gestão do volume de forma a não influenciar o funcionamento das aulas das salas vizinhas. Em conversa com alguns professores que lecionavam próximo da sala, estes nunca se referiram a esta situação como um problema que afetasse o desenrolar das suas aulas. Durante o decorrer das primeiras sessões alguns alunos acabariam por solicitar o aumento de volume da música, o qual foi avaliado e discutido entre todos no sentido de chegar a um consenso, tendo em conta as várias condicionantes que isso acarretaria. Excetuando um ou dois momentos pontuais, em que um aluno resolveu aumentar o volume sem autorização, sendo consequentemente repreendido, não se verificaram outros casos importantes a assinalar. Era

importante que a música se confinasse exclusivamente à nossa sala, procurando auxiliar a aula, e sem se tornar incomodativa nem dificultar a comunicação. Estes fatores foram aparentemente bem absorvidos pelos alunos como se vê no gráfico IIQ2.5, embora se tenha verificado nos resultados da questão IIQ2.6 uma pequena percentagem de alunos que evidenciou em algum momento dificuldades em comunicar devido à música ou seu volume. Apesar de todas as precauções possíveis, esta situação acabaria por ser inevitável no decorrer do projeto, sendo no entanto importante salientar que o uso de auriculares por parte dos alunos iria certamente influenciar drasticamente os resultados desta questão.

A escolha de repertório foi também um tema constante de discussão. Este seria um aspeto que só por si já daria muito que falar, pois seria impossível agradar a 18 alunos simultaneamente, e mesmo antes do início do projeto esta já era uma realidade eminente. Embora tenham sido solicitados para contribuir para a elaboração do repertório, concretamente na questão IQ3.1 e IQ3.2, os resultados não se enquadravam na sua maioria com os propósitos do projeto, uma vez que as sugestões dos alunos coincidiam simultaneamente com os estilos, músicas e artistas mais difundida pelos média, das quais o projeto se procurava afastar. Salvo raras exceções em que foram referidas opções pertinentes, os resultados da questão IQ3.2 acabaram por se transformarem numa espécie de compilação geral dos gostos pessoais dos alunos do que propriamente como sugestões para o repertório utilizável na sala de aula. A passagem destes princípios para os alunos nem sempre foi uma tarefa fácil, mas acabaria por surgir de forma natural e sistemática, à medida que as inúmeras conversas por nós se iam realizando. Os resultados das questões IIQ2.7 e IIQ2.8 acabam por ilustrar essa mesma realidade.

Posteriormente foram ainda levantadas duas questões pertinentes relacionadas com o tema acima descrito, dizendo respeito à organização e disposição das músicas durante as sessões, e à exploração de outros géneros musicais. A impressão geral obtida durante as observações e conversas no desenrolar das sessões revela que apesar dos alunos estarem abertos à descoberta de novas sonoridades, são também muito impacientes em relação às mesmas, acabando

por ao fim de alguns minutos demonstrar alguns sinais de cansaço ou fadiga. A solução poderia passar pela elaboração de uma playlist variada para cada aula, com a inclusão de faixas de vários artistas e estilos simultaneamente. Esta abordagem não sendo completamente determinante para o projeto, acabaria por se desviar de certa forma em alguns pontos da sua estrutura e organização, embora pareça ser uma alternativa viável principalmente tendo em conta a satisfação final dos alunos. Quanto à exploração de outros géneros musicais, a duração limitada do projeto acabou por impedir que alguns deles pudessem ser abordados, sendo que outros não seriam os mais adequados para criação do ambiente de trabalho pretendido, como é o caso de estilos demasiado agressivos.

Como se pode verificar nos resultados, o fator género acabou por se revelar uma variável pouco diferenciadora, registando-se apenas algumas discrepâncias de opiniões em algumas questões. No entanto, o feedback proveniente das aulas acaba por corresponder aos resultados obtidos nos questionários, como é o caso da IIQ2.4, onde as raparigas evidenciam uma convicção total nas respostas à questão, enquanto nos rapazes ainda se registam algumas reticências.

Por fim, uma das situações que acabaria por se revelar um pouco contraditória em relação a algumas opiniões e críticas dos alunos foi a falta de empenho que estes demonstraram na criação de uma lista de músicas para reprodução durante uma aula. Esta iniciativa surgira com o intuito de responder a vários pedidos dos alunos em utilizar uma playlist com as suas preferências musicais, e por conseguinte colmatar o possível afastamento dessas referências que o reportório escolhido poderia ter originado em determinados momentos. Assim, foi proposto aos alunos a criação de uma pasta de músicas em que estes tinham total liberdade nas escolhas, mas sendo obrigatório o contributo de todos na sua realização. Embora os alunos tenham aprovado desde o início esta iniciativa, esta situação acabaria por não se verificar, e mesmo sendo solicitados semana após semana os alunos nunca chegaram a apresentar a pasta com as suas escolhas. Por outro lado, a não criação desta lista poderá também indicar que o método escolhido para a sua criação não tenha sido o

mais indicado, e por conseguinte resultar na sua não realização por parte dos alunos.

5. Considerações finais

Ao longo deste estudo foi possível aperceber da influência positiva e de alguns pontos negativos que o uso da música em contexto de sala de aula provocou na atitude dos alunos. Nem sempre foi possível agradar a todos simultaneamente, o que de certa forma ia contra o objetivo fulcral do projeto, a motivação dos alunos para o desenvolvimento das atividades da aula, ocorrendo ocasionalmente momentos em que estes demonstraram desagrado como podemos verificar na análise aos resultados obtidos. Neste ponto torna-se bastante pertinente pensar no projeto como uma base que deve ser reajustada pelo professor em função dos interesses e exigências dos alunos, pois só assim será possível evitar possíveis fatores de desinteresse e desmotivação. No entanto o balanço foi francamente positivo e ao encontro dos objetivos pretendidos com o estudo, uma vez que se verificou da parte dos alunos uma aprovação generalizada do projeto e metodologias utilizadas, assim como das vantagens que este traria para o desenrolar das aulas. O sucesso destas estava diretamente relacionado com o empenho dos alunos na realização das tarefas, o qual estava por sua vez relacionado com o nível de motivação que estes demonstravam. Neste ponto acabaria por se verificar em várias situações um maior empenho da turma nas aulas em que decorriam as sessões, resultando simultaneamente numa diminuição geral dos motivos de desconcentração e ruídos gerados dentro da turma.

Uma das vantagens na escolha desta turma, como já foi referido, comportava a inclusão dos alunos com dificuldades educativas especiais no estudo, procurando assim verificar possíveis variações comportamentais em relação aos colegas da turma. De referir que apesar de se notar claramente uma diferença na qualidade gráfica dos trabalhos em relação aos dos seus colegas, estes dois alunos acabavam por ter um aproveitamento positivo, dentro do que as suas limitações lhes permitiam. No entanto, também não foi possível verificar grandes mudanças suscitadas pelo uso da música, uma vez que estes já eram alunos extremamente bem comportados e dos mais empenhados da turma na realização das tarefas. De certa forma a grande diferença observada entre estes alunos e os restantes durante a realização do estudo, foi a facilidade com que eles se envolviam e absorviam as diferentes sonoridades, acabando por nunca mostrar sinais de desagrado pelo que estavam a ouvir.

Esta situação acabaria por se revelar positiva e negativa simultaneamente, uma vez que se por um lado era verdade que eles nunca se opuseram a nenhum ponto do projeto, por outro lado também não foi possível receber grande feedback da parte deles, limitando-se a dizer que gostavam da experiência.

Uma vez que este estudo foi levado a cabo numa turma constituída por apenas dezoito alunos, não é possível partir para uma generalização destes resultados, pois a aplicação desta experiência com turmas de vinte e oito, ou mais alunos, teria consequentemente resultados diferentes. A comparação e cruzamento de resultados com este tipo de variáveis seria no entanto um fator de interesse, na procura de pontos de concordância e de divergência, e a consequente pertinência ou não destas experiências.

Em resultado das observações foi ainda possível verificar que existe uma tendência natural dos alunos em desinteressarem-se por tarefas ou projetos demasiado longos. Apesar de na sua generalidade os alunos se mostrarem inicialmente motivados para o tema ou temáticas a abordar, e de certa forma se confirmar que o uso da música teve uma influência positiva neste aspeto, ficou patente que a sua influência é limitada, e na sua generalidade, sempre que os projetos se tornaram demasiado longos e morosos coincidiram com um desligar permanente dos alunos pelos mesmos.

Por fim, é ainda relevante referir que este estudo foi bastante importante para o seu autor. De certa forma este foi o resultado de experiências passadas, do meu percurso académico, das quais sempre estive convicto que pudessem ser exequíveis num contexto de sala de aula, e apesar das condicionantes e dos alunos nem sempre responderem da forma esperada, foi gratificante poder sensibiliza-los para alguns aspetos relacionados com esta temática.

6. Bibliografia

- Abrantes, P. (1994). O trabalho de projeto e a relação dos alunos com a matemática: a experiência do projeto MAT789. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Avanzini, G. (1970). O insucesso escolar. Lisboa: Portico.
- Beirut. (s.d.). Gulag Orkestar; Lon Gisland. Obtido em 12 de Outubro de 2012, de <http://nymag.com/arts/popmusic/features/18856/>;
<http://www.lastfm.com.br/music/Beirut/+wiki>
- Blake, J. (s.d.). James Blake CD. Obtido em 11 de Outubro de 2012, de <http://jamesblakemusic.com/>
- Bock, A. M., Furtado, O., & Teixeira, M. D. (1999). Psicologias: uma Introdução ao Estudo de Psicologia. Obtido em 28 de Outubro de 2012, de <http://www.fag.edu.br/professores/tdavaucher/Ana+%20Merc%5B1%5D...pdf>
- Boutinet, J. P. (2002). Antropologia do Projeto. Lisboa: Instituto Piaget.
- Cassidy, G., & Macdonald, R. A. (2007). The effect of background music and background noise on the task performance of introverts and extraverts. Obtido em 7 de Novembro de 2012, de <https://faculty.nipissingu.ca/stange/courses/P2267/BackgroundMusic.pdf>
- Chopin. (s.d.). The Very Best of Chopin . Obtido em 12 de Outubro de 2012, de <http://www.meetthemusicians.us/frederic-chopin.asp>
- Correia, E. S. (2004). Avaliação das aprendizagens - uma carta de princípios. Cenários de avaliação. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- DGIDC. (s.d.). Direção-Geral da Educação. Obtido em 10 de Setembro de 2012, de Ministério da Educação e Ciência: <http://www.dgidc.min-edu.pt/>
- Ferreira, A. (Setembro de 2010). A Teoria das Necessidades de Maslow: A Influência do Nível Educacional Sobre a sua Percepção no Ambiente de Trabalho". Obtido em 24 de Outubro de 2012, de <http://www.ead.fea.usp.br/semead/13semead/resultado/trabalhosPDF/703.pdf>

Ferreira, B. M. (2010). Estratégias de Avaliação das Aprendizagens. Obtido em 8 de Novembro de 2012, de Universidade de Aveiro:

http://opac.ua.pt/F/K3I4MQAX3JF9IX9HMIIAQ7DYJ9UY4I3KDPYUGKK99CMDJQNBj-01437?func=find-b&request=Estrat%C3%A9gias+de+Avalia%C3%A7%C3%A3o+das+Aprendizagens&find_code=WRD&l2.x=7&l2.y=9&adjacent=Y

Gillis, A. (2010). The effect of background music on reading comprehension and self-report of college students. Obtido em 22 de Outubro de 2012, de

http://etd.lib.fsu.edu/theses/available/etd-07212010-125157/unrestricted/Gillis_A_Thesis_2010.pdf

Gomes, E. D. (s.d.). Escola Dr. João Carlos Celestino Gomes. Obtido em 17 de Novembro de 2012, de <http://ageilhavo.eb23-jfpb-ilhavo.rcts.pt/index.php>

Gomes, F. (2003). A Música na Obra de Kandinsky. Obtido em Outubro de 2012, de Arte.com : <http://www.arte.com.pt/text/filipag/musicakandinsky.pdf>

Hallam, S., & Price, J. (1998). Can the use of background music improve the behaviour and academic performance of children with emotional and behavioural difficulties? *British Journal of Special Education* , 88-91.

Ilari, B. S. (Setembro de 2002). Bebês também entendem de música: a percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. Obtido em 10 de Setembro de 2012, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista7/revista7_artigo9.pdf

Kilpatrick, W. H. (1918). The Project Method, Teachers College. Obtido em 28 de Outubro de 2012, de <http://escolanova.net/texts/Projetos/kilpatrick-projects-0.htm>

Knoll, M. (1997). The Project Method: Its Vocational Education Origin and International Development . Obtido em 28 de Outubro de 2012, de University of Bayreuth: <http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/JITE/v34n3/Knoll.html?re>

Lawton, B. W. (1972). Effects of noise on the performance of a memory-decision-response task. Obtido em 7 de Novembro de 2012, de

http://ntrs.nasa.gov/archive/nasa/casi.ntrs.nasa.gov/19720012421_1972012421.pdf

Lieury, A., & Fenouillet, F. (1997). *Motivação e sucesso escolar*. Lisboa: Editorial Presença.

Lurçat, L. (1978). *Insucesso e desinteresse na escola primaria*. Lisboa: Editorial Notícias.

Maslow, A. H. (1970). *Motivation and Personality*. Santa Clara, California: Harper & Row.

Moby. (s.d.). 18. Obtido em 11 de Outubro de 2012, de <http://www.moby.com/>

Moraes, C. R., & Varela, S. (2007). *Motivação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem*. Obtido em 15 de Outubro de 2012, de *Revista Eletrônica de Educação*, v.1, n.1, :
http://web.unifil.br/docs/revista_eletronica/educacao/Artigo_06.pdf

Nyman, M. (s.d.). *The piano*. Obtido em 11 de Outubro de 2012, de <http://www.michaelnyman.com/>

Pereira, M. J. (2010). *Motivação dos alunos no ensino especializado da música*. Obtido em 4 de Outubro de 2012, de Universidade de Aveiro:
<http://ria.ua.pt/bitstream/10773/7574/1/244881.pdf>

Ponte, E. d. (21 de Abril de 2010). *Escola da Ponte*. Obtido em 29 de Outubro de 2012, de <http://www.escoladaponte.com.pt/html2/portug/bemvindo.htm>

Robinson, K. (2011). *RSA Animate: Changing Education Paradigms*. Obtido em 28 de Outubro de 2012, de <http://sirkenrobinson.com/skr/watch>

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (1999). *Intrinsic and Extrinsic Motivations: Classic Definitions and New Directions*. Obtido em 19 de Outubro de 2012, de University of Rochester: <http://mmrg.pbworks.com/f/Ryan,+Deci+00.pdf>

Silva, C. A., Sobrinho, D. D., Lenz, G. H., Mereles, L. M., & Lindne, S. I. (s.d.). *Motivação: Processos básicos de comportamento humano*. Obtido em 22 de Outubro de 2012, de

http://www.shahumbertobranco.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/27/2371/18/arquivos/File/subsequente/MOTIVACAO____.pdf

Sparowes, R. (s.d.). Every Red Heart Shines Toward The Red Sun. Obtido em 12 de Outubro de 2011, de <http://redsparowes.com/News.aspx>

Youth, D. (s.d.). while(growing) holdStill(). Obtido em 10 de Setembro de 2012, de <http://dreamyouth.bandcamp.com/album/while-growing-holdstill/>

7. Anexos

7.1 Inquéritos por questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito foi criado no âmbito das unidades curriculares Seminário de Investigação em Didáctica das Artes Visuais I e Prática de Ensino Supervisionada I, é anónimo e todos os dados serão confidenciais. Destina-se à recolha de opiniões sobre o uso e influência da música na disciplina de educação visual. Para o sucesso deste estudo é fundamental que as respostas evidenciem uma perspectiva pessoal e sincera dos inquiridos.

Parte I

1. Idade: _____.

2. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

Parte II

Para cada uma das seguintes afirmações, faça um "X" no número da sua resposta.

(1) Discordo Totalmente	(2) Discordo	(3) Indeciso	(4) Concorde	(5) Concorde Totalmente
----------------------------	--------------	--------------	--------------	----------------------------

Itens	Escala
Gosto e ouço música sempre que posso.	(1)(2)(3)(4)(5)
A música deveria ser usada durante as aulas de educação visual de forma a criar um ambiente de trabalho mais descontraído e motivante para os alunos.	(1)(2)(3)(4)(5)
O volume da música deveria ser o suficiente para toda a gente ouvir, mas sem interferir com as intervenções (comentários) do professor/alunos.	(1)(2)(3)(4)(5)
Gostava de participar na escolha das músicas (repertório) a reproduzir na sala de aula.	(1)(2)(3)(4)(5)
Era capaz de ouvir e respeitar as músicas escolhidas pelos meus colegas e professores. Esta é a única forma desta experiência funcionar.	(1)(2)(3)(4)(5)

Parte III

Que estilos te parecem mais adequados para ouvir numa sala de aula? (ex: pop, rock, folk, blues, jazz, tribal, metal, erudita [clássica], rap, hip hop, eletrónica, ...) Organiza por ordem decrescente de importância.

R: 1. _____ 2. _____ 3. _____ 4. _____ 5. _____

Dá exemplos de artistas/músicas que gostarias de ouvir durante uma aula de educação visual.

_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____
_____	_____

Obrigada pela colaboração

RICARDO FORTES

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Este inquérito foi criado no âmbito das unidades curriculares Seminário de Investigação em Didáctica das Artes Visuais I e Prática de Ensino Supervisionada I, é anónimo e todos os dados serão confidenciais. Destina-se à recolha de opiniões sobre o uso e influência da música na disciplina de educação visual. Para o sucesso deste estudo é fundamental que as respostas evidenciem uma perspectiva pessoal e sincera dos inquiridos.

PARTE 1

Idade: _____

Sexo: masculino ☐
feminino ☐

PARTE 2

*Para cada uma das seguintes questões, faça um "X" no número da sua resposta.
1. Discordo Totalmente 2. Discordo 3. Indeciso 4. Concorde 5. Concorde Totalmente*

	1	2	3	4	5
A utilização da música tornou o espaço de aula mais envolvente e motivante para o trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sentes que a música contribuiu para aumentares os níveis de concentração na realização das tarefas da aula?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
E a nível gráfico, houve alguma melhoria na quantidade e qualidade dos teus trabalhos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Preferias ouvir a tua própria música com fones de ouvido?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os níveis (volume) utilizados durante o projeto pareceram adequados aos objetivos pretendidos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Em algum momento sentiste dificuldades em comunicar com os colegas ou professor devido ao volume da música, obrigou-te a falar mais alto?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Uma vez que atualmente a música (comercial) faz parte do quotidiano de todos nós, é importante num contexto de sala de aula explorar outras áreas musicais e dar a conhecer outras sonoridades?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tendo em conta que a escolha das músicas deveriam ter em conta o contexto de sala de aula, em que era fundamental uma certa distanciação e abstração para que estas não se assumissem como mais um motivo de distração e permitissem o bom desenvolvimento das tarefas pretendidas, pareceu-te uma seleção adequada?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
De uma forma geral, o uso da música durante as aulas de EV foi uma experiência produtiva?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Que sugestões darias para melhorar este projeto?					

Obrigada pela colaboração

RICARDO FORTES

7.2 Lista de músicas reproduzidas durante as aulas

Banda: Dream Youth

Álbum: while(growing) holdStill()

1. Give Us A New Place To Land
2. Far Off The Spotlights
3. From The Inside Out
4. A Bliss In The Mist
5. Scott's Land
6. A Second Chance
7. Hope Comes Alive
8. The End Is... A Devil's Kiss...
1. Lights (Interpol's cover)

Álbum disponível e acedido em setembro de 2011 em:

<http://dreamyouth.bandcamp.com/album/while-growing-holdstill/>

Compositor: James Blake

Álbum: James Blake CD

1. Unluck
2. The Wilhelm Scream
3. I Never Learnt to Share
4. Lindisfarne I
5. Lindisfarne II
6. Limit to Your Love
7. Give Me My Month
8. To Care (Like You)
9. Why Don't You Call Me
10. I Mind
11. Measurements

Banda: Michael Nyman

Álbum: The piano

1. To the Edge of the Earth
2. Big My Secret
3. A Wild and Distant Shore
4. The Heart Asks Pleasure First
5. Here to There
6. The Promise
7. A Bed of Ferns
8. The Fling
9. The Scent of Love
10. Deep Into the Forest
11. The Mood That Passes Through You
12. Lost and Found
13. The Embrace
14. Little Impulse
15. The Sacrifice
16. I Clipped Your Wing
17. The Wounded
18. All Imperfect Things
19. Dreams of a Journey
20. The Heart Asks Pleasure First/The Promise (Edit)

Compositor/banda: Moby

Álbum: 18

1. We Are All Made of Stars
2. In This World
3. In My Heart
4. Great Escape
5. Signs of Love
6. One of These Mornings
7. Another Woman
8. Fireworks
9. Extreme Ways
10. Jam for the Ladies
11. Sunday (The Day Before My Birthday)

12. 18
13. Sleep Alone
14. At Least We Tried
15. Harbour
16. Look Back In
17. The Rafters
18. I'm Not Worried at All

Banda: Red Sparowes

Álbum: Every Red Heart Shines Toward The Red Sun

1. The Great Leap Forward Poured Down Upon Us One Day Like a Mighty Storm, Suddenly and Furiously Blinding Our Senses.
2. We Stood Transfixed in Blank Devotion as Our Leader Spoke to Us, Looking Down on Our Mute Faces with a Great, Raging, and Unseeing Eye.
3. Like the Howling Glory of the Darkest Winds, This Voice Was Thunderous and the Words Holy, Tangling Their Way Around Our Hearts and Clutching Our Innocent Awe.
4. A Message of Avarice Rained Down and Carried Us Away into False Dreams of Endless Riches.
5. 'Annihilate the Sparrow, That Stealer of Seed, and Our Harvests Will Abound; We Will Watch Our Wealth Flood In.
6. And by Our Own Hand Did Every Last Bird Lie Silent in Their Puddles, the Air Barren of Song as the Clouds Drifted Away. For Killing Their Greatest Enemy, the Locusts Noisily Thanked Us and Turned Their Jaws Toward Our Crops, Swallowing Our Greed Whole.
7. Millions Starved and We Became Skinnier and Skinnier, While Our Leaders Became Fatter and Fatter.
8. Finally, as That Blazing Sun Shone Down Upon Us, Did We Know That True Enemy Was the Voice of Blind Idolatry; and Only Then Did We Begin to Think for Ourselves.

Banda: Beirut

Álbum: Gulag Orkestar e Lon Gisland

1. The Gulag Orkestar
2. Prenzlauerberg

3. Brandenburg
4. Postcards from Italy
5. Mount Wroclai (Idle Days)
6. Rhineland (Heartland)
7. Scenic World
8. Bratislava
9. The Bunker
10. The Canals of Our City
11. After the Curtain
1. Elephant Gun
2. My Family's Role in the World
3. Revolution
4. The Long Island Sound
5. Carousels

Compositor: Chopin

Álbum: The Very Best of Chopin

1. Fantasy-Impromptu for piano in C sharp minor, Op. 66, CT. 46
2. Prelude for piano No. 4 in E minor, Op. 28/4, CT. 169
3. Prelude for piano No. 7 in A major, Op. 28/7, CT. 172
4. Prelude for piano No. 15 in D flat major, Op. 28/15, CT. 180
5. Waltz for piano No. 11 in G flat major, Op. 70/1, CT. 217
6. Waltz for piano No. 7 in C sharp minor, Op. 64/2, CT. 213
7. Etude for piano No. 13 in A flat major, Op. 25/1, CT. 26
8. Mazurka for piano in B flat major, KK IIa/2, CT. 101 (B. 16/2)
9. Fantasy for piano in F minor/A flat major, Op. 49, C. 42
10. Nocturne for piano No. 16 in E flat major, Op. 55/2, CT. 123
11. Etude for piano No. 4 in C sharp minor, Op. 10/4, CT. 17
12. Etude for piano No. 12 in C minor ("Revolutionary"), Op. 10/12, CT. 25
13. Piano Sonata No. 3 in B minor, Op. 58, CT. 203
14. Piano Concerto No. 1 in E minor, Op. 11, CT. 47

7.3 Planificações de unidades de trabalho (arvore de natal)

PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO Unidade: Geometria do Plano Escola: Secundária Dr. João Carlos Celestino Gomes Tema: Árvore de Natal Turma: 9.º C e D Grupo: 600 Data: De 18 de Outubro até 06 de Dezembro			
Indicações metodológicas		Especificações	
Competências artísticas (literacia nas artes) A – Apropriação das linguagens elementares das artes [x] B – Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação [x] C – Desenvolvimento da criatividade [x] D – Compreensão das artes no contexto [x] Eixos estruturantes A - Fruição-Contemplação [] B – Reflexão-Interpretação [x] C – Produção-Criação [x] Domínio das competências específicas da Educação Visual A – Elementos da forma [x] B – Comunicação Visual [x] Meios de expressão plástica A – Desenho [x] B – Explorações plásticas: bidimensionais [x] tridimensionais [x] C – Tecnologias da imagem [x]		Descrição da atividade: Construção de uma árvore tridimensional, a partir de um ou mais planos bidimensionais.	
Competências Gerais: Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável. Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões. Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa. Cooperar com outro em tarefas e projetos comuns.		Conteúdos: Geometria do plano.	

Fases do trabalho	Competências específicas	Estratégias	Recursos didáticos/materiais	Avaliação	Blocos 45min
1 – Apresentação da proposta de trabalho.	Reconhecer que a percepção visual das formas envolve a interação da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc.	<p>Diálogo com os alunos sobre a proposta de trabalho " Construção de uma árvore tridimensional, a partir de um ou mais planos bidimensionais.</p> <p>Visionamento de uma apresentação em PowerPoint sobre as várias etapas do projeto;</p> <p>Exposição e registo dos parâmetros a ter em conta na apresentação do trabalho de pesquisa;</p> <p>Criação dos grupos de trabalho (três elementos).</p> <p>Combinar atividades e exercícios que valorizem a aprendizagem ativa, através da descoberta, interrogação, reflexão (individual e coletiva).</p>	<p>Computador;</p> <p>Vídeo projetor;</p> <p>Apresentação em formato digital (PowerPoint) da proposta de trabalho.</p>	<p>Observação direta na aula do trabalho individual e coletivo realizado;</p> <p>Apresentações intermédias dos trabalhos (maquetas);</p> <p>Cumprimento de prazos de entrega;</p> <p>Assiduidade e pontualidade;</p> <p>Capacidade de organização e resolução de problemas;</p> <p>Qualidade do produto final.</p>	2
2 – Recolha de dados	<p>Criar hábitos de pesquisa;</p> <p>Ter autonomia e ser capaz de selecionar a informação necessária.</p>	<p>Exposição oral e multimédia de exemplos de estruturas tridimensionais.</p> <p>Procurar trabalhos de estruturas (bi e tridimensionais) de árvores já realizados;</p>	<p>Computador;</p> <p>Internet;</p> <p>Biblioteca da escola;</p> <p>Recursos do próprio aluno</p>	<p>Capacidade de escolha e organização da informação recolhida;</p> <p>Recursos didáticos utilizados na recolha e apresentação;</p> <p>Capacidade de comunicação e expressão verbal;</p> <p>Interesse, empenho e participação individual e coletiva;</p> <p>Desenvolvimento da sensibilidade estética;</p>	1

3 – Análise dos dados/seleção de ideias	Saber escolher a forma e estrutura que mais se adequa ao propósito do projeto em curso.	Apresentação oral à turma da pesquisa realizada;	Computador; Vídeo projetor; Apresentação da pesquisa efetuada em formato digital.	1	Capacidade de análise e interpretação dos dados recolhidos. Interesse, empenho e participação individual e coletiva. Desenvolvimento da sensibilidade estética;
4 – Experimentação/Desenvolvimento de ideias	Saber planificar e executar um projeto bidimensional e a sua aplicação tridimensional. Conhecer as propriedades físicas de diversos materiais (comportamento em esforço, reação aos agentes exteriores, etc.). Saber adequar os materiais a utilizar na construção do projeto, em função do seu design e propriedades físicas.	Dar a conhecer aos alunos materiais diversos, quer na forma, quer nas características físicas.	Materiais riscadores diversos (grafite, caneta, lápis de cor,); Bloco de papel cavalete A4 Cartolinas, cartão, madeira, plástico, materiais moldáveis, etc.	4	Desenvolvimento e evolução das ideias; Adequação dos materiais usados à maquete em construção, e à construção final. Capacidade de resolução de problemas; Domínio de processos, meios e técnicas de representação e rigorosa; Interesse/empenho individual e coletivo no desenvolvimento e superação dos obstáculos; Capacidade de iniciativa e autonomia; Desenvolvimento da sensibilidade estética;
5 - Apresentação dos dados e ideias à turma	Saber comunicar; Saber argumentar; Ser capaz de intervir; Apresentar a maquete à turma; Apresentar a memória descritiva (justificação das escolhas).	Promover estratégias de comunicação (oral e visual) para divulgação do trabalho desenvolvido; Fomentar o debate e discussão dos trabalhos em conjunto;	Computador; Vídeo projetor; Apresentação da pesquisa efetuada em formato digital. Apresentação da	2	Rigor do trabalho desenvolvido. Desenvolvimento da sensibilidade estética; Interesse/empenho individual e coletivo na exposição do

				maqueta.	trabalho à turma; Capacidade de iniciativa e autonomia;	
6 – Produto final	Saber executar um projeto tridimensional a partir de uma maqueta existente. Conhecer as propriedades físicas de diversos materiais, de forma a transportar o sucesso da maqueta para a obra à escala real. Saber enquadrar a obra final ao espaço envolvente.	Partindo do trabalho desenvolvido na fase anterior, os alunos devem construir uma árvore de natal numa escala dez vezes superior à maqueta elaborada anteriormente		Material diversos, dependentes do projeto eleito para a construção final.	Qualidade do produto final.	4
Resultados pretendidos: Conceber e executar uma árvore de natal.						

PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO			
Unidade: Comunicação Visual	Tema: Natal		
Escola: Secundária Dr. João Carlos Celestino Gomes	Turma: 8º B	Grupo: 600	Data: De 25 de Outubro até 13 de Dezembro
Indicações metodológicas	Especificações		
Competências artísticas (literacia nas artes) A – Apropriação das linguagens elementares das artes [x] B – Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação [x] C – Desenvolvimento da criatividade [x] D – Compreensão das artes no contexto [x] Eixos estruturantes A - Fruição-Contemplação [] B – Reflexão-Interpretação [x] C – Produção-Criação [x] Domínio das competências específicas da Educação Visual A – Elementos da forma [] B – Comunicação Visual [x] Meios de expressão plástica A – Desenho [x] B – Explorações plásticas: bidimensionais [x] tridimensionais [] C – Tecnologias da imagem [x]			Descrição da atividade: Criação de suportes de comunicação e divulgação para o projeto da árvore de natal.
Competências Gerais: Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável. Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões. Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa. Cooperar com outro em tarefas e projetos comuns.			Conteúdos: Identidade visual, logotipo, cartaz, publicidade.

Fases do trabalho	Competências específicas	Estratégias	Recursos didáticos/materiais	Avaliação	Tempo
1 – Apresentação da proposta de trabalho.	<p>Ler, interpretar e construir narrativas visuais.</p> <p>Reconhecer a importância da imagem no cotidiano.</p> <p>Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de formas.</p> <p>Participar em atividades interpersonais e de grupo, respeitando nomes, regras e critérios de avaliação, de conveniência e de trabalho, em vários contextos;</p> <p>Manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito pelo seu trabalho e pelo dos outros;</p> <p>Comunicar, discutir e defender descobertas e ideias próprias, dando espaço de intervenção aos seus parceiros.</p>	<p>Diálogo com os alunos sobre a proposta de trabalho "identidade visual da árvore de natal";</p> <p>Visionamento de uma apresentação em PowerPoint sobre as várias etapas do projeto;</p> <p>Exposição e registo dos parâmetros a ter em conta na apresentação do trabalho de pesquisa;</p> <p>Criação dos grupos de trabalho (três elementos).</p> <p>Combinar atividades e exercícios que valorizem a aprendizagem ativa, através da descoberta, interrogação, reflexão (individual e coletiva).</p>	<p>Computador;</p> <p>Vídeo projetor;</p> <p>Apresentação em formato digital (PowerPoint) da proposta de trabalho.</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>Observação direta na aula do trabalho individual e coletivo realizado;</p> <p>Apresentações intermédias dos trabalhos;</p> <p>Cumprimento de prazos de entrega;</p> <p>Assiduidade e pontualidade;</p> <p>Capacidade de organização e resolução de problemas;</p> <p>Avaliação formal: Qualidade do produto final.</p>	1 tempo
2 – Recolha de dados	<p>Criar hábitos de pesquisa;</p> <p>Ter autonomia e ser capaz de selecionar a informação necessária.</p>	<p>Exposição oral e multimédia de exemplos logotipos, cartazes e manuais de identidade visual;</p> <p>Procurar elementos visuais já existentes (cartazes, logotipos);</p> <p>Procurar exemplos de elementos alusivos ao Natal;</p>	<p>Computador;</p> <p>Internet;</p> <p>Biblioteca da escola;</p> <p>Manuais de identidade visual;</p> <p>Cartazes;</p> <p>Revistas.</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>Capacidade de escolha e organização da informação recolhida;</p> <p>Recursos didáticos utilizados na recolha e apresentação;</p> <p>Capacidade de comunicação e expressão verbal;</p> <p>Interesse, empenho e participação individual e</p>	3 Tempos

					coletiva; Desenvolvimento da sensibilidade estética;	
3 – Análise dos dados/seleção de ideias	Saber a importância da imagem na comunicação de uma mensagem; Compreender a função do logotipo e do cartaz.	Apresentação oral à turma da pesquisa realizada; Análise crítica e seleção das propostas entre a turma.	Computador; Vídeo projetor; Apresentação da pesquisa efetuada em formato digital.	1 Tempo	Avaliação formativa: Capacidade de análise e interpretação dos dados recolhidos. Interesse, empenho e participação individual e coletiva. Desenvolvimento da sensibilidade estética;	
4 – Experimentação/Desenvolvimento de ideias	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa de formas; Conceber organizações espaciais, dominando regras elementares da composição; Saber organizar e esboçar as ideias tendo em vista os objetivos: Construir um logotipo e um cartaz tendo em conta a mensagem a transmitir.	Realizar vários esboços de logotipos que reflitam as suas ideias. Os esboços devem transmitir de forma clara e objetiva o código da mensagem. A realização dos esboços deve ter em conta os vários elementos constituintes do logotipo (símbolo, texto e siglas). Desenhar esboços de logotipos (evolução) Realização de uma grelha de construção de logotipo, de forma a organizar os vários elementos. Utilizar papel vegetal para	Materiais riscadores diversos (grafite, caneta, lápis de cor, pastéis secos, tinta da china); Colagens, recortes; Caderno de desenho A5 (Diário gráfico); Papel vegetal; Papel cavalete - Bloco A4 e A3;	5 Tempos	Avaliação formativa: Desenvolvimento e evolução das ideias; Qualidade do desenho (esboços); Capacidade de resolução de problemas; Domínio de processos, meios e técnicas de representação e expressão plástica ou rigorosa; Interesse/empenho individual e coletivo no desenvolvimento e superação dos obstáculos; Capacidade de iniciativa e autonomia; Desenvolvimento da	

		<p>redesenhar e melhorar as propostas;</p> <p>Realizar vários projetos simples de cartazes que proporcionem uma leitura fácil e apelativa da mensagem principal.</p> <p>Organizar o texto e a imagem na superfície do cartaz, tendo em conta a importância dos vários elementos (título, imagem, texto);</p> <p>Fazer uma correta articulação entre o sentido do texto e da imagem, estabelecendo uma relação clara entre a mensagem visual e escrita;</p> <p>Criar contrastes cromáticos capazes de realçar as formas e o texto sobre um fundo que, por sua vez, não perturbe a leitura das mensagens visuais escritas;</p>			<p>sensibilidade estética;</p>	
<p>5 - Apresentação dos dados e ideias à turma</p>	<p>Saber comunicar;</p> <p>Saber argumentar;</p> <p>Ser capaz de intervir;</p> <p>Mostrar a banda desenhada à turma;</p> <p>Apresentar a memória descritiva (justificação das escolhas).</p>	<p>Promover estratégias de comunicação (oral e visual) para divulgação do trabalho desenvolvido;</p> <p>Fomentar o debate e discussão dos trabalhos em conjunto;</p>	<p>Computador;</p> <p>Vídeo projetor;</p> <p>Apresentação da pesquisa efetuada em formato digital.</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>Qualidade gráfica do trabalho desenvolvido;</p> <p>Capacidade de comunicação e expressão verbal;</p> <p>Desenvolvimento da sensibilidade estética;</p> <p>Interesse/empenho individual e coletivo na</p>	<p>2 Tempos</p>	

				exposição do trabalho à turma; Capacidade de iniciativa e autonomia;	
6 – Produto final	Utilizar diferentes meios expressivos de representação; Realizar produções plásticas utilizando os elementos da comunicação e da forma visual. Interpretar os significados expressivos e comunicativos das artes visuais e os processos subjacentes à sua criação;	Partindo do trabalho desenvolvido na fase anterior, os alunos devem construir o logotipo, cartaz e convite. Promover estratégias de comunicação (oral e visual) para divulgação do trabalho desenvolvido; Fomentar o debate e discussão dos trabalhos em conjunto;	Materiais riscadores diversos (grafite, caneta, lápis de cor, pastéis secos, tinta da china); Caderno de desenho A5 (Diário gráfico); Papel vegetal; Papel cavalete - Bloco A4; Computador; Vídeo projetor; Apresentação do produto final.	Avaliação formal: Qualidade do produto final.	4 Tempos
<p>Resultados pretendidos: Reconhecer a importância das imagens (publicitaria, comercial, social, política, religiosa) no comportamento das pessoas. Executar cartazes.</p> <p>Compreender a importância do fator económico, considerando como condicionantes do design a mão-de-obra, os materiais, o tempo e a conservação.</p> <p>Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente.</p> <p>Compreender as diferenças entre a síntese aditiva da luz e a síntese subtrativa dos pigmentos.</p>					

PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO			
Unidade: Comunicação Visual	Tema: Natal		
Escola: Secundária Dr. João Carlos Celestino Gomes	Turma: 7º C	Grupo: 600	Data: De 27 de Outubro até 15 de Dezembro
Indicações metodológicas		Especificações	
Competências artísticas (literacia nas artes) A – Apropriação das linguagens elementares das artes [x] B – Desenvolvimento da capacidade de expressão e comunicação [x] C – Desenvolvimento da criatividade [x] D – Compreensão das artes no contexto [x] Eixos estruturantes A - Fruição-Contemplação [] B – Reflexão-Interpretação [x] C – Produção-Criação [x] Domínio das competências específicas da Educação Visual A – Elementos da forma [] B – Comunicação Visual [x] Meios de expressão plástica A – Desenho [x] B – Explorações plásticas: bidimensionais [x] tridimensionais [] C – Tecnologias da imagem []		Descrição da atividade: Criação e ilustração de uma banda desenhada alusiva ao natal.	
Competências Gerais: Pesquisar, selecionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável. Adotar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões. Realizar atividades de forma autónoma, responsável e criativa. Cooperar com outro em tarefas e projetos comuns.		Conteúdos: Banda desenhada; Desenho; Narrativa visual; Significado temático.	

Fases do trabalho	Competências específicas	Estratégias	Recursos didáticos/materiais	Avaliação	Tempo
1 – Apresentação da proposta de trabalho.	<p>Descrever acontecimentos aplicando metodologias da banda desenhada e do guiãoismo;</p> <p>Ler, interpretar e construir narrativas visuais;</p> <p>Conceber organizações espaciais dominando regras elementares da composição;</p> <p>Entender o desenho como um meio para a representação expressiva de formas;</p> <p>Criar composições a partir de observações diretas e de realidades imaginadas utilizando os elementos e os meios da expressão visual;</p> <p>Participar em atividades interpersonais e de grupo, respeitando nomes, regras e critérios de avaliação, de conveniência e de trabalho, em vários contextos;</p> <p>Manifestar sentido de responsabilidade, de flexibilidade e de respeito pelo seu trabalho e pelo dos outros;</p> <p>Comunicar, discutir e defender descobertas e ideias próprias, dando espaço de intervenção aos seus parceiros.</p>	<p>Diálogo com os alunos sobre a proposta de trabalho "Banda desenhada sobre o Natal";</p> <p>Visionamento de uma apresentação em PowerPoint sobre as várias etapas do projeto;</p> <p>Exposição e registo dos parâmetros a ter em conta na apresentação do trabalho de pesquisa;</p> <p>Criação dos grupos de trabalho (três elementos).</p> <p>Combinar atividades e exercícios que valorizem a aprendizagem ativa, através da descoberta, interrogação, reflexão (individual e coletiva).</p>	<p>Computador;</p> <p>Vídeo projetor;</p> <p>Apresentação em formato digital (PowerPoint) da proposta de trabalho.</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>Observação direta na aula do trabalho individual e coletivo realizado;</p> <p>Apresentações intermédias dos trabalhos;</p> <p>Cumprimento de prazos de entrega;</p> <p>Assiduidade e pontualidade;</p> <p>Capacidade de organização e resolução de problemas;</p> <p>Avaliação formal: Qualidade do produto final.</p>	<p>1 Tempo</p>
2 – Recolha de dados	<p>Criar hábitos de pesquisa;</p> <p>Ter autonomia e ser capaz de selecionar a informação necessária.</p>	<p>Exposição oral e multimédia de exemplos de bandas desenhadas;</p> <p>Procurar trabalhos de banda desenhada já</p>	<p>Computador;</p> <p>Internet;</p> <p>Biblioteca da escola;</p> <p>Livros de banda desenhada;</p>	<p>Avaliação formativa:</p> <p>Capacidade de escolha e organização da informação recolhida;</p> <p>Recursos didáticos</p>	<p>3 Tempos</p>

		realizados; Procurar exemplos de bandas desenhadas sobre o Natal; Encontrar um guião que permita uma fácil adaptação à linguagem própria da BD, isto é, que permita contar a história através de um diálogo entre as personagens; Realizar um estudo das personagens e dos cenários, recolhendo todo o tipo de informações necessárias de modo a poder desenhá-los; Promover a interdisciplinaridade através da criação do guião de suporte da história na disciplina de Língua Portuguesa.	Revistas de banda desenhada.	utilizados na recolha e apresentação; Capacidade de comunicação e expressão verbal; Interesse, empenho e participação individual e coletiva; Desenvolvimento da sensibilidade estética;	
3 – Análise dos dados/seleção de ideias	Saber escolher uma história que se enquadre no espírito natalício de entre as várias ideias apresentadas.	Apresentação oral à turma da pesquisa realizada; Análise crítica e seleção das propostas entre a turma.	Computador; Vídeo projetor; Apresentação da pesquisa efetuada em formato digital.	<p>1</p> <p>Tempo</p> <p>Avaliação formativa: Capacidade de análise e interpretação dos dados recolhidos. Interesse, empenho e participação individual e coletiva. Desenvolvimento da</p>	

4 – Experimentação/Desenvolvimento de ideias	Entender o desenho como um meio para a representação expressiva e rigorosa de formas; Conceber organizações espaciais, dominando regras elementares da composição; Criar composições a partir de realidades imaginadas; Saber organizar e esboçar as ideias tendo em vista os objetivos; Construir uma banda desenhada com as respetivas regras e instruções; Saber ilustrar um texto, uma frase e/ou uma ação;	Desenhar um esquema ou esboço da sequência de imagens necessárias para contar a história, organizando a articulação e o desenvolvimento da ação (definir os elementos necessários para adaptação à BD: número de pranchas, tiras e vinhetas, tipos de planos e ângulos de visão a utilizar); Definir o conteúdo das falas e desenhar o tipo de balões de acordo com o número e sequência das vinhetas; Utilizando contornos a preto, desenhar o desenrolar da ação de acordo com o que foi definido anteriormente; Colorir as cópias dos originais (preto e branco); Introduzir o conteúdo das falas nos balões; Utilizar papel vegetal para redesenhar e melhorar as personagens;	Materiais riscadores diversos (grafite, caneta, lápis de cor, pastéis secos, tinta da china); Caderno de desenho A5 (Diário gráfico); Papel vegetal; Papel cavalete - Bloco A4.	Materialidade estética: Avaliação formativa: Desenvolvimento e evolução das ideias; Qualidade do desenho (esboços); Capacidade de resolução de problemas; Domínio de processos, meios e técnicas de representação e expressão plástica ou rigorosa; Interesse/empenho individual e coletivo no desenvolvimento e superação dos obstáculos; Capacidade de iniciativa e autonomia; Desenvolvimento da sensibilidade estética;	5 Tempos
5 - Apresentação dos dados e ideias à turma	Saber comunicar; Saber argumentar; Ser capaz de intervir;	Promover estratégias de comunicação (oral e visual) para divulgação do trabalho	Computador; Vídeo projetor; Apresentação da pesquisa	Avaliação formativa: Qualidade gráfica do trabalho desenvolvido;	2 Tempos

	Mostrar a banda desenhada à turma; Apresentar a memória descritiva (justificação das escolhas).	desenvolvido; Fomentar o debate e discussão dos trabalhos em conjunto;	efetuada em formato digital.	Capacidade de comunicação e expressão verbal; Desenvolvimento da sensibilidade estética; Interesse/empenho individual e coletivo na exposição do trabalho à turma; Capacidade de iniciativa e autonomia;	
6 – Produto final	Utilizar diferentes meios expressivos de representação; Realizar produções plásticas utilizando os elementos da comunicação e da forma visual. Interpretar os significados expressivos e comunicativos das artes visuais e os processos subjacentes à sua criação;	Partindo do trabalho desenvolvido na fase anterior, os alunos devem construir uma prancha de banda desenhada com todos os elementos que a constituem. Promover estratégias de comunicação (oral e visual) para divulgação do trabalho desenvolvido; Fomentar o debate e discussão dos trabalhos em conjunto;	Materiais riscadores diversos (grafite, caneta, lapis de cor, pasteis secos, tinta da china); Caderno de desenho A5 (Diário gráfico); Papel vegetal; Papel cavalete - Bloco A4; Computador; Vídeo projetor; Apresentação do produto final.	Avaliação formal: Qualidade do produto final.	4 Tempos
Resultados pretendidos: Conceber e executar bandas desenhadas.					

7.4 Fotos do projeto da árvore de natal



Figura 2. Maquetas propostas pelos alunos para construção da árvore de natal.



Figura 3 e 4. Processo de construção e montagem da estrutura da árvore de natal.

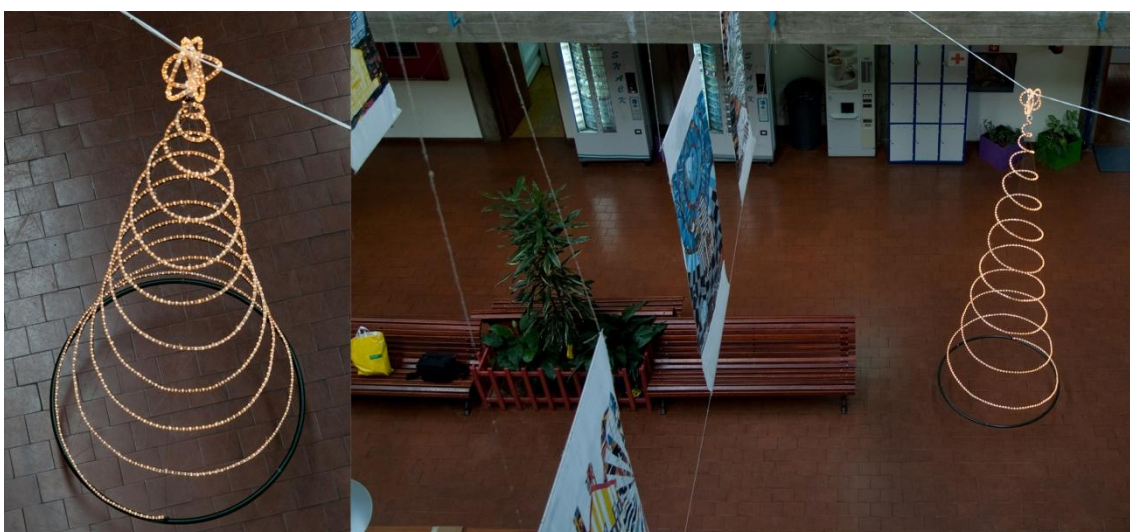


Figura 5 e 6. Projeto final exposto no átrio do bloco

7.5 Fotos do projeto do módulo padrão



Figura 7 e 8. Desenvolvimento do projeto, desenhos do módulo padrão e sua aplicação.



Figura 9 e 10. Desenvolvimento do projeto, composição do cartaz.



Figura 11. Desenvolvimento do projeto, composição do cartaz.

Figura 12. Exposição dos trabalhos na escadaria do bloco da escola.